



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

Trabalho de fim do curso

Título: Eu não preciso estudar para ser empoderada ser bonita e ter dinheiro é

**tudo: Construção social do empoderamento feminino por mulheres na cidade de
Maputo, 2025.**

Autora:

Cacilda José Tembe

Supervisor:

Baltazar Muianga, PhD

Maputo, Dezembro, 2025



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

Título: : Eu não preciso estudar para ser empoderada ser bonita e ter dinheiro é tudo: Construção social do empoderamento feminino por mulheres na cidade de Maputo, 2025.

A Candidata:

Cacilda José Tembe

Monografia apresentada em cumprimento dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Supervisor:

Baltazar Samuel Muianga, PhD

Supervisor

Presidente

Oponente

Maputo, Dezembro de 2025

Declaração de Honra

Eu, **Cacilda José Tembe**, estudante do curso de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, declaro por minha honra que o presente trabalho de fim do curso nunca foi apresentado, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau académico, e que constitui o resultado da minha pesquisa individual, realizada com base nas fontes mencionadas na bibliografia e métodos descritos no texto.

Maputo, Dezembro de 2025

(Cacilda José Tembe)

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, **José Gustavo Tembe** e **Alice Francisco Mutisse**, e à minha irmã, Isabel José Tembe, que são as pessoas mais importantes da minha vida. Foram eles que mais me incentivaram e fizeram de tudo para que continuasse empenhada na carreira acadêmica.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pelo apoio incondicional que me concedeu. À minha família Tembe (meus pais e a minha irmã) pelo financiamento e compreensão durante a formação e elaboração desta monografia. Agradeço também ao meu parceiro, por todo apoio e ajuda ao longo desta jornada.

Ao meu supervisor, Doutor Baltazar Samuel Muianga, pelo incentivo e pela oportunidade de poder trabalhar esta temática. Agradeço pela orientação, ensinamentos, compreensão, disponibilidade e acompanhamento, desde a concepção do projecto até à redação da monografia. Reitero os meus sinceros agradecimentos pelos ensinamentos práticos na cadeira de Seminário de Orientação, com certeza essa experiência foi de muita ajuda para nutrir em mim o amor pelo campo de investigação.

À Universidade Eduardo Mondlane, e em especial ao Departamento de Sociologia e ao corpo docente, pelos ensinamentos partilhados ao longo dos quatro anos da minha formação. Aos Doutores Orlando Nipassa e Bernardo Manhique, ao Doutor Obede Baloi, ao Doutor Adriano Maurício, pelos ensinamentos e motivações que me servirão para vida toda.

Às mulheres que participaram da investigação e tornaram possível a concretização deste projecto, expresse minha profunda gratidão pela disponibilidade em partilhar as suas histórias de vida.

Aos meus colegas e amigas do curso, pelas contribuições que me foram dando em algumas fases da elaboração do trabalho, em especial a Dulce Gabriel Matsinhe, a Rosídia Manhiça, Riana Massango e a Sofia Chissico, pela colaboração durante a formação e elaboração das nossas monografias. Aos meus amigos Valter Chirindza, Kelven Bila e Luisa Sande pelo companheirismo, apoio moral e constante palavra de incentivo nos momentos mais difíceis.

Meu profundo *Khanimambo*

Epígrafe

"Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vai ao pai senão por mim."

João 14:6

Resumo

A presente monografia, intitulada: **Eu não preciso estudar para ser empoderada ser bonita e ter dinheiro é tudo**: Construção social do empoderamento feminino por mulheres na cidade de Maputo 2025, explora a construção social do "empoderamento feminino", evidenciando como histórias de vida, a sociedade e as redes sociais influenciam as percepções de empoderamento feminino. O estudo baseia-se na teoria fenomenológica de Alfred Schutz, inserida na Sociologia da vida quotidiana e na teoria de Berger e Luckmann, segundo a qual a realidade social do empoderamento feminino é uma construção moldada por normas sociais e as próprias interações sociais. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa, recorrendo à revisão bibliográfica e a entrevistas semi-estruturadas. Os dados foram interpretados através da técnica de análise de conteúdo. Os estudos revelam que as redes sociais desempenham um papel crucial na disseminação dos ideais do empoderamento feminino, influenciando directamente as práticas e percepções das mulheres. Além disso, foi observado que as redes sociais funcionam como ambientes de socialização, onde os padrões de se empoderar são reforçados, incentivando os mulheres a conformarem-se a tais modelos de vida. Consequentemente, o estudo destacou que, embora o empoderamento feminino parta de dentro, ou seja, da mulher considerar-se empoderada pelas suas conquistas e padrões próprios, há uma pressão social significativa que leva os indivíduos a buscar um empoderamento socialmente aceite, o que pode causar a banalização do conceito e a má percepção do mesmo.

Palavras-chave: Construção social, Empoderamento feminino, Mulher.

Abstract

The present dissertation, *I don't need to study to be empowered; having money is everything: Social Construction of Female Empowerment by women in the city of Maputo* (2025), explores the social construction of “female empowerment”, highlighting how life stories, society, and social media influence perceptions of female empowerment. The study is based on Alfred Schutz’s phenomenological theory, situated within the Sociology of Everyday Life, and on Berger and Luckmann’s theory, according to which the social reality of female empowerment is a construction shaped by social norms and social interactions themselves. Methodologically, a qualitative approach is adopted, drawing on a literature review and semi-structured interviews. The data were interpreted using content analysis. The findings reveal that social media play a crucial role in disseminating the ideals of female empowerment, directly influencing women’s practices and perceptions. Moreover, it was observed that social media function as environments of socialization where empowerment patterns are reinforced, encouraging women to conform to such lifestyle models. Consequently, the study highlighted that although female empowerment begins from within that is, from the woman considering herself empowered through her own achievements and standards there is significant social pressure that leads individuals to seek socially accepted empowerment, which may result in the trivialization of the concept and its misunderstanding.

Keywords: Social construction, Female empowerment, Woman.

Índice	
Declaração de Honra	i
Dedicatória	ii
Agradecimentos.....	iii
Epígrafe	iv
Resumo.....	v
Abstract	vi
INTRODUÇÃO	1
REVISÃO DE LITERATURA	6
1.1. Emancipação da mulher enquanto forma de empoderamento feminino	6
1.2. Educação enquanto forma de empoderamento feminino	8
1.3. Formulação do problema	11
CAPITULO II	13
ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL	13
2.1. Teoria de base	13
2.2. Conceptualização e operacionalização dos conceitos	16
2.2.1. Construção social	16
2.2.2. Empoderamento	17
2.2.3. Empoderamento feminino	18
2.3. Modelo de análise	19
CAPÍTULO III	20
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
3.1. Método de pesquisa	20
3.2. Técnica de recolha de dados	20
3.2.1. Pesquisa bibliográfica	20
3.2.2. História de vida	21
3.2.3. Entrevista	22
3.3. População	23
3.3.1. Amostra e Amostragem	23
3.3.2. Critérios de escolha dos participantes: inclusão e exclusão	23
3.4. Unidade de análise	24
3.5. Técnica de análise de dados	24
3.6. Questões Éticas	25
3.7. Constrangimentos e superação	26
APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	27
4.1. Perfil sócio-demografico	27

4.2. Percepções das mulheres em relação ao empoderamento feminino	28
4.2.1. Auto-reconhecimento a autonomia como forma de empoderamento feminino.....	28
4.2.2. Do saber ao poder: educação e poder financeiro como forma de empoderamento feminino	29
4.2.3. Empoderamento feminino como estilo de vida; aparência e banalização	32
4.3. Trajectórias das mulheres para alcançarem o empoderamento feminino	37
4.3.1. Inserção das mulheres ao empoderamento feminino	37
4.3.2. Engajamento e progresso das mulheres por meio do empoderamento feminino	40
4.4. Construção social do empoderamento feminino.....	42
4.4.1. Construção do empoderamento feminino a partir da cultura	42
4.4.2. Construção social do empoderamento feminino a partir das redes sociais.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
APÊNDICE.....	54
Termo do Consentimento Informado	55
Guião de entrevista.....	56
Cronograma de actividades	60
Orçamento	61

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema: **Eu não preciso estudar para ser empoderada ser bonita e ter dinheiro é tudo:** Construção social do empoderamento feminino por mulheres na cidade de Maputo 2025. As questões relacionadas com o empoderamento feminino são amplamente abordadas em diversos meios de comunicação social, nomeadamente na rádio, televisão, jornal e, mais recentemente, nas redes sociais.

No campo científico, este tema tem merecido especial atenção, sobretudo nas ciências sociais. O presente estudo debruça-se sobre a problemática do empoderamento feminino, colocando especial ênfase na mulher enquanto sujeito social, um tema que, embora relevante, ainda carece de aprofundamento em determinados contextos.

Segundo Priore (2013), o debate sobre empoderamento feminino surge associado ao movimento feminista, voltado para a reivindicação dos direitos da mulher. O movimento feminista é um movimento social, político e económico que tem como objectivo apoiar, debater e lutar pelos direitos das mulheres. A luta é para construir uma sociedade igualitária em que as mulheres deixam de ser vítimas de diversas formas de opressão social, para levar a sociedade às estruturas mais justas. O autor afirma que foram necessários mais de 200 anos para que as mulheres conquistassem direitos que permitem a livre expressão e o exercício da cidadania, como: votar, usar anticoncepcionais, divorciar-se e ocupar cargos de alto escalão nas empresas.

No mesmo contexto, Azevedo & Souza (2019), referem que o movimento feminista teve seu início durante o século XIX. Uma das maiores influências para o movimento foi a revolução francesa e as alterações sociais que começaram a acontecer nesta época.

A partir das mudanças trazidas pela revolução francesa, as mulheres começaram a tomar consciência das desigualdades a que eram submetidas e, pouco a pouco, passaram a questionar os modelos sociais e lutar para reduzir a desigualdade política e de direitos. Nesse primeiro momento de luta, as principais causas defendidas pelo movimento estavam ligadas aos direitos políticos, à liberdade de escolha das mulheres e ao direito de usufruir da vida pública, destacando-se o movimento sufragista, que lutava pelo direito ao voto das mulheres (Azevedo & Souza, 2019).

A partir da metade do século XX é que o termo é apropriado pelos movimentos sociais de luta contra o sistema de opressão, em favor da libertação da contracultura nos EUA, por exemplo. Desta forma, empowerment passa a ser entendido como sinónimo de emancipação social e se assenta no seio do discurso da luta por direitos civis, do movimento negro, das mulheres, dos homossexuais e das pessoas com deficiência (Baquero, 2012).

Uma das maiores conquistas e mudanças que o feminismo possibilitou foi permitir que a dominação masculina deixasse de ser algo indiscutível. O movimento feminista se tornou uma luta das mulheres pelas mulheres, um confronto contra a segregação de géneros, uma luta pela diminuição da situação de vulnerabilidade e dependência de muitas mulheres, para que elas se emancipem e conquistem os seus espaços. Ademais, o feminismo foi de extrema importância na inserção da mulher no meio social, possibilitando-lhes o reconhecimento como agentes necessários na sociedade e na história. (Idem, 2012).

A abordagem de empoderamento, deste modo, não é neutra, é pré-condição para se obter a equidade social, representa um desafio às relações patriarcais e aos privilégios de género e, por conseguinte, admite relações de poder, oposições e conflitos e seus desdobramentos, os quais podem desencadear processos de mudança reveladores de outras dimensões vividas pelas pessoas e grupos sociais. Com base nesta visão, o empoderamento compreende um processo da conquista da autonomia por parte das mulheres que têm aspectos tanto colectivos como individuais (León, 1997).

A mulher, desde os primórdios, foi vista como sexo frágil, sem capacidades de exercer cargos designados aos homens, como a política e a educação. A mulher, perante a sociedade, tinha o papel de esposa mãe, e cuidadora do lar, assim sendo, a luta feminista vem com o objectivo de emancipar a mulher e retirá-la da invisibilidade em que ela se encontrava (Idem, 1997).

Com isso, pode se observar que a questão do empoderamento feminino não é um tema novo, ele já vem sendo explorado desde os anos 60, com isso, trazemos uma nova abordagem sobre o assunto, tendo uma visão mais ampla sobre o tema. Explorando o conhecimento da mulher acerca do mesmo com base em estudos, analisamos quais as percepções das mulheres em relação ao empoderamento feminino na actualidade.

Visto que as mulheres dos anos 60 acreditavam que ser empoderada era apenas ter direito ao seu próprio corpo e transformar a estrutura patriarcal, reforçando o seu papel na família e na sociedade, como as mulheres de hoje olham para o empoderamento feminino, tendo em conta que as sociedades vêm se transformando a cada época e que os costumes e crenças sobre determinados assuntos diferem em função do contexto que inserem, o que culmina na variação do significado do empoderamento em algumas sociedades (Priore, 2013, Azevedo & Souza, 2019, León, 1997).

Para compreender de que forma as mulheres da actualidade percebem o empoderamento, optou-se pela teoria fenomenológica de Alfred Schutz como o nosso referencial teórico, pois permite compreender como essas mulheres entendem sua realidade.

O estudo propõe analisar as percepções das mulheres em relação ao empoderamento feminino tendo em conta múltiplas influencias sociais, como, a cultura redes sociais (facebook, instagram), tendo sido realizado na cidade de Maputo, no mercado do Zimpeto, envolvendo mulheres de diferentes bairros, isto porque há mais concentração de mulheres com um perfil que se alinha ao grupo alvo pretendido para a presente pesquisa. Ademais, foram envolvidas mulheres com idades compreendidas entre 21 aos 40 anos, para captar diferentes ideias sobre as percepções que as mesmas atribuem ao empoderamento feminino.

Com o presente trabalho, descrevemos o quotidiano das mulheres empoderadas na cidade de Maputo, cujo objectivo é compreender de que forma as mulheres olham para questão do empoderamento feminino na actualidade e como as mesmas percebem o assunto. O empoderamento feminino é um tema ligado ao género e é de extrema importância para mulheres que querem superar suas dificuldades e abrir suas oportunidades reivindicando seus direitos.

Justificativa

O empoderamento é a capacidade, individual ou colectiva, das mulheres adquirirem e reconhecerem o seu valor na sociedade. Neste sentido, o empoderamento pode ser observado sob algumas perspectivas, sejam elas, “pelo conhecimento dos direitos da mulher, por sua inclusão social, instrução, profissionalização, consciência de cidadania e, também, por uma transformação no conceito que ela tem si própria, em sua auto-estima” (Ferrari, 2013).

Em primeiro momento, a pesquisa foi motivada por um interesse pessoal sobre assuntos ligados ao género, e da observação da banalização do conceito “empoderamento feminino”, temos observado representações de mulheres em bares, redes sociais como facebook, Tik Tok a se intitulem mulheres empoderadas sem que, necessariamente esse reconhecimento esteja associado a processos de autonomia. Nessas representações o empoderamento passa a ser compreendido como a simples posse de um Iphone, fazer viagens, ir a restaurantes de luxo, vestir-se de como quiser, o que contribui para redução do conceito a discursos superficiais, desvinculando-o do seu sentido original.

Nos últimos anos, o empoderamento passou a circular nas redes sociais, sendo muitas vezes associado a aparência, transformando, essa superficialidade, o empoderamento em um produto. O estudo propõe analisar de que forma o empoderamento feminino é vivido e é interpretado e praticado por mulheres no contexto social moçambicano.

No âmbito social, o tema reveste-se de grande relevância por abordar a questão do empoderamento feminino, como este conceito tem sido modificado por mulheres no seu quotidiano, possibilitando desse modo a compressão do empoderamento feminino actualmente.

Por fim, no prisma sociológico, o estudo é de grande relevância, pois traz em sua composição uma reflexão sobre empoderamento feminino, como normas, valores e padrões de empoderamento feminino são formados, metidos e reforçados na sociedade..

A pesquisa teve como Objectivo geral compreender como diferentes influências sociais contribuem para a construção social do empoderamento feminino pelas mulheres na cidade de Maputo. Como objectivos específicos buscou-se a) Identificar o perfil sociodemográfico das mulheres; b) descrever as percepções das mulheres sobre o

empoderamento feminino na cidade de Maputo; e c) Descrever as trajectórias das mulheres para alcançarem o empoderamento feminino; d) analisar como a cultura e as redes sociais (facebook e instagram) afectam as percepções em relação ao empoderamento feminino.

O trabalho está organizado em quatro (4) capítulos, no primeiro capítulo, apresentamos a revisão da literatura e o problema de pesquisa, onde discutiremos os resultados de estudos desenvolvidos em torno do empoderamento feminino. No segundo capítulo, apresentamos o enquadramento teórico e conceptual. No terceiro capítulo, temos a metodologia do trabalho, onde apresentamos os métodos e as técnicas de recolha de dados. Por fim, no quarto capítulo, apresentamos a interpretação e discussão dos dados de campo e as considerações finais.

CAPÍTULO I

REVISÃO DE LITERATURA

Estudos sobre empoderamento feminino são vários, porém importa-nos trazer apenas duas perspectivas: a perspectiva feminista que argumenta que o empoderamento feminino visa libertação da mulher da dominação masculina, destacando os seguintes autores (Souza & Azevedo, 2019; Freyre, 2005; Bourdieu, 2002; Melo & Souza 2009; Montenegro, 1981; Silva, 2009) e a perspectiva educacional que defende que a educação é um factor fundamental para o empoderamento feminino, destacando os estudos dos seguintes autores (Souza, 2019; Facundes, 2017; Louro, 1997; Silva, 1999 apud Santos, 2017; Facio, 2006).

1.1.Emancipação da mulher enquanto forma de empoderamento feminino

Sousa e Azevedo (2019) defendem que as mulheres buscam no empoderamento o seu carácter emancipatório e igualitário para com os homens, de modo a reconfigurar a sociedade patriarcal em que são inseridas, com seus processos e estruturas que ainda subalternizam a mulher. A independência da mulher é um factor altamente importante para sua libertação, essa é, por sua vez, determinante para a iniciativa individual e para a eficácia social, que melhoram o potencial da pessoa para cuidar de si mesma e para influenciar o mundo no momento em que participa, verdadeiramente, dos destinos e dos rumos da comunidade como agentes de desenvolvimento e não pacientes.

Na perspectiva de Sousa e Azevedo (2019), as mulheres, destinadas por força de uma cultura e tradição social masculina, foram destinadas às responsabilidades do lar, como cuidar de filhos, marido e casa. Cabe ao homem prover o sustento do lar e preocupar-se com as questões financeiras. Dessa forma, seguindo uma tradição de uma ideologia histórica preconcebida, o homem domina a religião, a política, os pensamentos sociais, culturais e artísticos.

Portanto, a emancipação corresponde à luta das mulheres pela sua liberdade e autonomia, porém, muitas delas não têm coragem de demonstrar sua força e lutar pela própria identidade e posição dentro da sociedade. Dessa forma, as mulheres, na busca constante pelo direito, respeito e liberdade, lutam contra o autoritarismo masculino de A

sociedade ainda carrega a naturalização da dominação masculina, mesmo que seja de maneira inconsciente; são muitos os exemplos diários de submissão da mulher ao homem, como também ainda são fortes as cobranças sociais de gênero (Idem, 2019).

Na mesma linha de pensamento, Freyre (2005), Bourdieu (2002), Melo & Souza (2009) defendem que numa sociedade marcada e fundada com base no patriarcalismo, o machismo ainda se sobressai como forma de dominação natural. Assim sendo, percebe-se que as regras masculinas têm raízes fortes numa sociedade que estigmatiza a mulher que não se rende à plena obediência ao homem.

Portanto, Montenegro (1981) destaca que a igualdade de direitos formais foi realizada em parte, mas não foi suficiente para assegurar às mulheres direitos iguais na vida real. Com isso, entendemos que a desigualdade de gênero está longe de ser cessada e que as mulheres não conquistaram a sua autonomia social por completo. É notório a desigualdade entre os gêneros em diversos espaços fundamentais que minimizam a mulher como ser dotado de direitos e colocam-nas numa situação de vulnerabilidade.

Tais diferenças separam o grupo feminino entre aquelas que se submetem à obediência, seja do lar ou sexual, e aquelas que se encorajam e tomam a dianteira contra o sexismo, na qual é crescente a representatividade de figuras femininas na política e na causa feminista.

Silva (2009, p.146) afirma que foram sendo organizados grupos de reflexão nos quais as mulheres compartilhavam seus dissabores, e o que antes parecia ser um problema individual tornava-se coletivo”. Desse forma, o empoderamento foi permitindo que muitas mulheres fizessem outras enxergarem o meio em que estão inseridas e as fez enxergar a imposição masculina a que são submetidas, transformando-as em sujeitos na construção de sua própria história, e a união feminina provocou uma verdadeira revolução na elaboração de uma sociedade igualitária entre os gêneros.

Nessa perspectiva encontramos aspectos comuns entres os autores, apesar de cada autor olhar a questão do empoderamento em função do seu contexto, todos comungam da ideia de que o empoderamento feminino consiste na libertação da mulher do domínio patriarcal, onde a mulher se vê livre da opressão masculina com vista a tomar decisões sobre os seus direitos. Porém, Montenegro (1981) destaca que, apesar dos esforços do

feminismo para que a mulher conquiste o seu espaço, os desafios dessa luta em busca de autonomia ainda esta longe de ser alcançada por completo, pois o sistema patriarcal ainda exerce poder de domínio perante a mulher em muitas sociedades.

Nos distanciamos dessa perspectiva, pois ela olha o empoderamento feminino apenas numa única dimensão, a dimensão social, onde a mulher apenas tem voz na sociedade perante o domínio masculino, deixando a dimensão económica, educacional e outras. Essas que combinadas poderiam dar a mulher mais conhecimento e poder de lutar pelos seus direitos.

1.2. Educação enquanto forma de empoderamento feminino

Na segunda perspectiva, encontramos Souza (2019), em seu estudo sobre empoderamento na educação, defende que se deve assumir um carácter emancipatório, consolidando-se como espaço no qual o diálogo seja algo concreto. A autora acredita num modelo de educação, onde as mulheres possam questionar as ideologias que as dominam e subordinam, para que, através do conhecimento, elas possam se inserir em diversos espaços, actuando em prol de outras mulheres, que muitas vezes não tiveram as mesmas oportunidades, porque suas vozes foram muitas vezes silenciadas.

Facundes (2017) comunga do mesmo pensamento, afirmando que o empoderamento feminino só é possível através da educação. A consecução de um projecto amplo de empoderamento feminino inclui necessariamente, a perspectiva educacional traduzida por uma abordagem educativa que entende a educação como a possibilidade concreta de realização pessoal e de formação de sujeitos autónomos, independentes e cónscios de seus direitos e deveres como mulheres e como homens na sociedade em que vivem.

O acesso a educação é a condição fundamental para o empoderamento feminino, é, portanto, um direito a ser buscado pelas mulheres. É a forma mais poderosa para se alcançar a igualdade de género, de possibilitar que meninas e mulheres participem de maneira plena e de fortalece-las economicamente (Unesco, 2016, *Apud* Facundes,2017). A educação é um caminho chave para o empoderamento das mulheres.

Segundo Helen Clark apud Facundes (2017) o conhecimento é poder, e a educação empodera. Ela é a parte indispensável da equação do desenvolvimento. Tem um valor intrínseco que se estende muito mais além do económico para empoderar as pessoas a liderar o seu próprio destino.

A escola tem um papel importante na questão de desconstrução dos padrões culturais idealizados e reproduzidos na sociedade, sendo um espaço que permite discussões sobre novas formas de olhar para as mulheres e lhes permitir ocupar seu espaço e realizar suas escolhas. Hoje a mesma escola que forma indivíduos para a sujeição e submissão, pode, por meio da conscientização, emancipar e libertar (Poggio, 2012, p. 97 apud Facundes,2017).

Segundo Louro (1997), Silva (1999) e apud Santos (2017), Pensar o empoderamento das mulheres, a libertação do estado de opressão em que se encontram, atravessa necessariamente o acto de reflectir o papel da educação em suas vidas. Uma vez que a prática educativa prime por uma educação libertadora, os sujeitos poderão adquirir consciência de si e de outros indivíduos, diluindo o silenciamento das vozes femininas. A educação libertadora não cerceará as liberdades inerentes ao ser humano, independente de género, classe, etnia, religião e sexualidade.

Argumentam que é a história masculina que se aprende nas escolas, é o protagonismo, a grandeza e os feitos heróicos dos homens que são estudados, enquanto as mulheres ficam em segundo plano. Não se trata de inverter as relações entre oprimido e opressor, ou seja, elevar a história feminina em detrimento à masculina, mas valorizar igualmente a presença de homens e mulheres na história “oficial”, o que requer mudanças no currículo escolar, pois, na medida em que reflecte a epistemologia dominante, o currículo existente é também claramente masculino. Ele é a expressão da cosmovisão masculina (Idem, 2017).

O currículo oficial valoriza a separação entre sujeito e conhecimento, o domínio e o controle, a racionalidade e a lógica, a ciência e a técnica, o individualismo e a competição. Todas essas características reflectem as experiências e os interesses masculinos, desvalorizando, em troca, as estreitas conexões entre quem conhece e o que é conhecido, a importância das ligações pessoais, a intuição e o pensamento divergente, as artes e a estética, o comunitarismo e a cooperação características que estão, todas,

ligadas às experiências e aos interesses das mulheres. A solução não consistiria simplesmente numa inversão, mas em construir currículos que reflectisse, de forma equilibrada, tanto a experiência masculina quanto a feminina. (Louro, 1997, Silva, 1999, *apud* Santos, 2017).

Portanto, não se trata apenas de subverter a ordem em que os conteúdos estão divididos no currículo escolar, mas de transformá-lo para que possa reflectir as experiências de ambos, e, dessa forma, desnaturalizar a “neutralidade” presente no currículo, que reforça os estereótipos e mascara a hierarquização nos papéis sexuais. O currículo é um artefacto de género. Este corporifica e produz relações de género, assim, deixar de examiná-lo seria uma perspectiva bastante parcial e limitada deste artefacto. A partir do momento em que as mulheres se reconheçam como seres historicamente excluídos e percebam a importância do seu papel na luta por uma sociedade digna e justa, elas serão mulheres mais actantes no campo político, e não somente nele, mas também nos demais campos da sociedade. (Idem, 2017).

Serão mulheres empoderadas que irão se mobilizar, terão autonomia para o questionamento e fiscalização do cumprimento das leis que são marcadamente androcêntricas, em que “os homens continuam a ocupar as posições mais importantes e são os que determinam o modo de olhar a realidade social, dando-lhe uma aparência de normalidade mesmo perante aquelas que lhe estão subordinadas.” (Facio, 2006, p. 4).

Nessa perspectiva, também se identificam aspectos comuns entre os autores, que destacam a educação como um elemento primordial para a autonomia da mulher. Argumenta-se que, com conhecimento, a mulher pode reivindicar seus direitos e questionar ideologias que a oprimem, dando voz àquelas cuja voz foi historicamente silenciada.

Essa perspectiva, diferentemente da primeira apresentada, tem um olhar um pouco mais amplo, pois ela não olha apenas na dimensão social, mas também combina com a educacional, afirmando que educação é um meio fundamental para se alcançar o empoderamento feminino.

1.3. Formulação do problema

Pode notar-se que, com base na literatura apresentada, há existência de duas principais correntes em relação ao empoderamento da mulher. A corrente feminista que defende que o empoderamento feminino representa um desafio directo às relações patriarcais, especialmente no âmbito familiar, ao questionar o poder dominante do homem e a manutenção de seus privilégios de género (Azevedo & Souza, 2019, León, 1997, Freyre 2005, Bourdieu 2002 ...).

Essa perspectiva implica uma transformação na estrutura tradicional e de dominação masculina, promovendo a autonomia das mulheres no controle sobre seus corpos, sua sexualidade, sua liberdade de ir e vir, além da rejeição ao abuso físico, à violação impune, ao abandono e às decisões unilaterais dos homens que afectam toda a família (Leon, 1997). Esse posicionamento foca essencialmente na desconstrução da dominação masculina e na necessidade de romper com a estrutura patriarcal, visando à libertação da mulher da opressão.

E a corrente educacional que entende que a educação é o principal instrumento de emancipação feminina. Através dela, as mulheres têm acesso ao conhecimento, o que permite a conscientização sobre sua realidade e sobre o mundo ao seu redor. Esse saber abre portas para o desenvolvimento em diversas dimensões, como a económica, a psicológica e a social (Souza 2019, Facundes, 2017, Louro, 1997...)

Apesar de partirem de análises diferentes, ambas abordagens compartilham pontos comuns, sobretudo no que diz respeito à importância da autonomia da mulher para alcançar o empoderamento. Elas não se opõem, mas se complementam ao focarem em perspectivas diferentes de um mesmo fenómeno.

Neste debate, nos posicionamos na perspectiva educacional, por compreendermos que ela contribui para a construção da consciência feminina sobre sua emancipação (Souza 2019, Facundes, 2017, Louro, 1997...).

A partir das abordagens analisadas, tanto a emancipatória quanto a educacional, identificamos uma lacuna nos estudos existentes: a ausência de uma reflexão sobre como as mulheres entende o seu próprio empoderamento.

Diante desse cenário, propomo-nos a uma abordagem que considere a perspectiva da mulher sobre o empoderamento feminino, visto que aponta-se mais ao desenvolvimento intelectual, económico, a opressão patriarcal e outros factores. Olhando de maneira superficial as percepções das mulheres ao empoderamento feminino e atendendo que o mesmo varia de sociedade para sociedade, em que mulheres tem diferentes concepções sobre o termo, algumas mulheres banalizam o conceito reduzindo apenas ao consumo, como, viagens, ter m celular de qualidade, ir a lugares de luxo. Torna-se, assim, crucial olhar para o empoderamento na primeira versão, que é a mulher, dando a ela espaço para opinar sobre o empoderamento de si própria.

Embora o empoderamento feminino parta de dentro, ou seja, da mulher se considerar empoderada pelas suas conquistas e padrões próprios, há uma pressão social significativa que leva os indivíduos a buscar um empoderamento socialmente aceite, o que pode causar a banalização do conceito e a má percepção do mesmo

Portanto, a construção social do empoderamento feminino é um fenómeno complexo moldado por diversas influências culturais e sociais, e estas dimensões interagem de maneira significativa, reforçando e moldando as percepções das mulheres em relação ao empoderamento feminino (Berger & Luckmann, 1978)

Dessa forma, surge a seguinte pergunta de partida: *de que forma as diferentes influências sociais (cultura, redes sociais facebook e instagram) moldam as percepções das mulheres sobre o empoderamento feminino?*

CAPITULO II

ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

2.1. Teoria de base

Neste estudo, buscamos duas teorias que nos ajudaram a compreender a realidade para a análise. Inicialmente, optamos pela teoria fenomenológica de Alfred Schutz (1979) como teoria principal. A fenomenologia sociológica de Alfred Schutz se insere nas Ciências Sociais como uma Sociologia da vida quotidiana, influenciada pela sociologia weberiana e busca o significado subjectivo da conduta social. De modo a complementar, optamos pela teoria da construção social da realidade defendida por Berger & Luckman (1978).

A fenomenologia, segundo Schutz (1979), fundamenta-se no estudo da realidade, conforme experimentada e vivenciada pelos indivíduos e grupos intersubjectivamente, buscando apreender as experiências, vivências e significados, que tais indivíduos constroem. Todos os processos que se estabelecem para essa busca são dados importantes para esta teoria. As experiências, vivências e significados, pertencem ao mundo da vida quotidiana, e o autor formou o seu estudo, de três vertentes: através da atitude natural, que compreende um auxílio ao actor social a inserir-se no mundo da vida; depois apreendeu os condicionantes do comportamento humano; e por fim, pelos métodos que os homens utilizam para conduzir a sua vida ao longo do tempo, e os conhecimentos e vivências guardados a partir do seu historial de vida de si e com os outros. (Idem, 1979)

Segundo Schutz (1979), este quadro teórico preocupa-se com as acções levantadas pelos indivíduos no dia-a-dia, com o que eles vivem, constroem, pensam e que significados eles próprios atribuem, a seus comportamentos e a uns aos outros. A teoria fenomenológica questiona o senso comum como objecto de análise, definindo que experiências e práticas dele são essenciais para os indivíduos. O autor propõe a análise do senso comum, a partir da redução fenomenológica, esta que refere a um processo, que o mesmo alega à necessidade de se distanciar de pré-estabelecimentos de noções e conceitos, sobre um determinado fenómeno, sendo mais correcto, descrever e apresentar por um dado momento de parêntesis, sem influência de factores externos, os

factos tal como ocorrem na vida dos indivíduos. Ela ainda auxilia a compreender como os indivíduos constituem o seu dia-a-dia, e atribuem os sentidos das suas próprias acções, priorizando sempre o maior enfoque das práticas quotidianas dos grupos sociais. Por sua vez, os actores sociais formam a sua própria visão, com recurso a meios disponibilizados pela estrutura sociocultural dada, pré-estruturada para o indivíduo pelo seu grupo.

A teoria da fenomenologia de Schutz (1979) permitiu a análise da realidade social e compreensão do mundo quotidiano, experiências, vivências, significados e percepções. Schutz argumenta que o significado é gerado nas interacções sociais. O empoderamento feminino manifesta-se nas relações entre mulheres, assim como entre homens, onde novas narrativas são criadas. A perspectiva Schutziana analisa o quotidiano através de experiências.

Tendo em conta o objectivo da pesquisa, a teoria fenomenológica, Schutz (1979), nos foi útil para compreender a construção do empoderamento feminino na mulher actual e as percepções da mulher sobre empoderamento. Visto que esta teoria olha a realidade social, tal e qual se representa, não envolve realmente aquilo que ela é, mas conforme cada actor social vê e percebe. Por isso, Schutz (1979) destaca como preponderante, ter em conta que o homem vai formar um universo que detém um significado para ele próprio, isto é, os indivíduos vivem construindo e atribuindo sentidos a tudo ao seu redor e passam a tratar a realidade como tal.

Para Schutz (1997) a vida quotidiana é onde a realidade social se revela mais claramente, o empoderamento feminino se concretiza nas práticas diárias das mulheres desde pequenas acções como reivindicar igualdade no ambiente de trabalho até grandes mobilizações. Cada acto contribui para uma mudança gradual na percepção social, sobre o papel da mulher.

A teoria fenomenológica, defendida por Alfred Schutz, permite-nos compreender e captar o dia-a-dia, as experiências vivenciadas do nosso objecto de investigação, a partir de suas próprias perspectivas, as percepções que elas constroem e atribuem sobre o seu empoderamento e sobre si mesmas, e, de modo mais amplo, reflectir sobre o modo de vida da mulher empoderada nos dias de hoje. Cada mulher trás sua história, contextos

sociais e culturais para suas interações e percepções sobre a realidade a qual estão inseridas.

Segundo Berger e Luckmann (1978), toda realidade é socialmente construída pelos actores sociais nos seus processos interactivos do quotidiano. A realidade é uma construção social na medida em que o homem que a constrói é produto social saído de um processo dialéctico entre realidade objectiva e a realidade subjectiva.

Para Berger & Luckmann (1978), a realidade objectiva refere-se a institucionalização das normas e regras que conduzem a interação entre os actores sociais e a realidade subjectiva é referente a interiorização, por parte destes actores sociais, dessas normas e regras sociais, o que lhes permite a interpretação e atribuição de sentido aos acontecimentos e factos que os rodeiam. A realidade social é uma realidade objectiva e igualmente uma realidade subjectiva, existente institucionalmente e interiorizada pelos indivíduos através da socialização.

Assim, Berger & Luckmann (1978) defendem que é na realidade objectiva onde se objectiva ou se cria uma determinada realidade através de um processo de institucionalização que consiste na tradução dos elementos culturais (símbolos, valores, representações) em normas que orientam o comportamento dos indivíduos de uma determinada colectividade.

No processo de socialização, os indivíduos conhecem as instituições sociais, aprendem a agir e se comportar de acordo com as regras, com as normas que a sociedade criou; os actores sociais interiorizam e precisam agir de acordo com estas instituições sociais para que se possam relacionar com os outros.

A subjectivação da realidade acontece na medida em que o indivíduo apreende e interioriza as instituições sociais e as usa para legitimar a realidade social. A realidade, enquanto socialmente construída, deve ser mantida externamente, nas relações entre os homens, e internamente, na forma como o indivíduo a apreende e a usa para interpretar o mundo (Berger & Luckmann, 1978).

Apesar de possuir um carácter coercivo e exterior aos indivíduos, esta realidade objectiva é produto das interações entre os indivíduos. Berger & Luckmann (1978) defendem que o homem é quem constrói a realidade e ao mesmo tempo que é dela

produto; o homem cria as regras, as normas e as instituições que posteriormente determinarão como este deve se comportar e se relacionar com os outros. “A sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objectiva. O homem é um produto da sociedade” (Berger & Luckmann, 1978).

Ao aplicar a teoria de Berger e Luckmann, compreendemos como o processo de construção do empoderamento feminino é entendido nos dias de hoje, como a transformação da sociedade e as dinâmicas sociais, as experiências individuais influenciam o modo pelo qual cada mulher entende o empoderamento feminino. Cada mulher tem sua própria narrativa em relação a sua autonomia, cada uma delas vê a realidade de formas diferenciadas, num mesmo contexto, a fenomenologia deu-nos essa abertura de olhar e compreender como cada uma dessas narrativas é construída.

2.2. Conceptualização e operacionalização dos conceitos

A conceptualização é um dos procedimentos básicos para melhor esclarecimento do raciocínio dum trabalho de investigação, Macamo (2004). Pretendemos nesta etapa do nosso trabalho apresentar e desenvolver o sentido dos termos que constituem o presente estudo, nomeadamente, os conceitos de construção social, empoderamento e empoderamento feminino. Em cada um destes conceitos, propusemo-nos a trazer diferentes abordagens que o definem e operacionaliza-los de modo a justificar o seu enquadramento no nosso trabalho.

2.2.1. Construção social

A ideia de construção social significa, que a acção dos indivíduos em sociedade produz, a partir dessas próprias acções, conteúdos que não existiam anteriormente. Esses conteúdos, por sua vez, são o que entendemos por cultura, uma série de padrões socialmente estabelecidos a partir dos comportamentos, costumes, crenças e saberes de indivíduos em relação uns aos outros, que caracterizam um grupo social (Butler, 2017).

Segundo Daniel, a construção social é processo pelo qual as pessoas criam, compartilham e disseminam significados, valores normas em sua sociedade. É uma forma de compreensão e interpretação do mundo e que é moldada pelas relações sociais e pelo contexto cultural em que as pessoas vivem.

Fazendo uma reflexão sobre os conceitos acima apresentados podemos constatar elementos comuns, em que os autores definem construção social como sendo um processo de significados atribuídos através de valores e crenças que influenciam em como os indivíduos olham para o mundo a sua volta.

De acordo com Berger e Luckman (1988), a construção social é o processo a partir do qual os homens atribuem sentidos e significados ao mundo através de interações sociais feitas ao longo do processo de socialização, quando se passa a representar e atribuir significados ao mundo que os rodeia. Assim, construção social será o conjunto de interação e mediação sociocultural que determina o modo como o homem tem de ver e representar o mundo.

Para a pesquisa, optou-se pela definição de Berger e Luckmann, pois ela nos permitiu captar de que formas as mulheres olham para o empoderamento feminino actualmente, como as mesmas percebem a realidade que as rodeiam, assim como a análise de como certos grupos sociais influenciam na definição do que é considerado verdadeiro, legítimo ou aceitável em uma determinada sociedade.

2.2.2. Empoderamento

Segundo Herriger (2006 P. 16), “o empoderamento refere-se ao desenvolvimento de modelos de autoconhecimento, através do qual as pessoas adquirem ou fortalecem o seu sentimento de poder e competências de autovalorização e auto-estima”.

Para Freire (1979 P. 26-47), “as pessoas desenvolvem e se empoderam quando têm capacidades de compreensão, consciencialização e reflexão sobre as diferentes realidades. A educação assume-se como um acto de conhecimento e aproximação crítica da realidade”.

Contrariamente de Herriger e Freire, Batliwala, (1994) avalia o empoderamento num âmbito geral, na medida em que entende por empoderamento sendo uma gama de actividades, da assertividade individual até à resistência, protesto e mobilização colectivas, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, etnicidade e género.

O empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistémicas que os oprimem, como também actuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Assim, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direcção das forças sistémicas que marginalizam as mulheres e outros sectores excluídos em determinados contextos (Batliwala, 1994).

Portanto, se pode perceber que todos conceitos arrolados são válidos, porém, tendo em conta os objectivos do estudo, optamos pela definição de Batliwala, pois vai além da dimensão emancipatória da mulher. Ele abrange as relações de poder existentes que marginalizam a mulher.

2.2.3. Empoderamento feminino

Segundo M. Silva & A. Silva (2020), o empoderamento é resultado de grandes enfrentamentos pessoais e sociais no qual a mulher perpassa em sua trajectória de vida, almejando a tão sonhada autonomia, liberdade de expressão e o direito de igualdade, visando assim adquirir condições que lhes assegure uma vida financeira digna, sem necessitar de apoio de terceiros para sobreviver. Neste sentido, o empoderamento feminino deve ser priorizado como transformação de estruturas de subordinação, ou seja, como um processo de emancipação das mulheres e da sociedade actual.

Para Sen e Grown (1985 P. 78-96), “o empoderamento de mulheres é o processo de conquista da autonomia, da autodeterminação. E trata ao mesmo tempo, de um instrumento meio e um fim em si própria. O empoderamento das mulheres implica na libertação das mulheres das amarras da opressão de género, da opressão patriarcal”.

Ademais, Sen e Grown (1985 P. 78-96) reiteram que “o empoderamento das mulheres implica numa transformação das estruturas de subordinação através de mudanças radicais na legislação, direitos de propriedades e outras instituições que forçam e reproduzem a dominação masculina”.

Analisando os conceitos, notamos que existem aspectos comuns na medida em que os autores concordam que o empoderamento feminino resume-se na autonomia e na transformação das estruturas do domínio masculino em relação as tomadas de decisão sobre si, e divergem no entendimento de que o empoderamento não é apenas a

libertação da mulher do patriarcalismo, mas também o direito a sua independência financeira e livre de lutar pelo sua autonomia por completo tendo direito a educação.

Neste conceito de empoderamento feminino, alinhamo-nos a definição M. Silva & A. Silva (2020), na qual olha-se o empoderamento sendo resultado de grandes enfrentamentos pessoais e sociais, no qual a mulher perpassa em sua trajetória de vida, almejando a tão sonhada autonomia.

2.3. Modelo de análise

Para operacionalizar os nossos conceitos, construímos um modelo de análise, que para Quivy & Compenhoud (1998), é um conjunto estruturado e coerente, composto por conceitos e hipóteses articulados entre si de forma operacional.

Conceitos	Dimensões	Indicadores
Construção social	Cultural	✓ Preconceito ✓ Machismo ✓ Padrões de vidas pré-estabelecidos
Empoderamento feminino	Social	✓ Liberdade expressiva ✓ Independência financeira ✓ Autonomia

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta secção, apresentamos o que constitui os instrumentos metodológicos do presente trabalho, de acordo com os objectivos da pesquisa.

3.1. Método de pesquisa

A pesquisa foi realizada com recurso à metodologia qualitativa, visando analisar e interpretar a construção social do empoderamento feminino pelas mulheres e suas experiências sociais. De acordo com Guerra (2006), a abordagem qualitativa busca apreender a realidade na sua complexidade, valorizando as experiências dos actores sociais, as suas crenças, os seus valores e, principalmente, os significados que atribuem as essas experiências e realidade que os rodeia.

Desta forma, as variáveis em jogo num estudo qualitativo são interpretadas de forma profunda e relacional, isto é, influenciam-se mutuamente sem que uma seja, condicionalmente, a causa da outra. Escolheu-se uma pesquisa qualitativa, porque permitiu analisar a complexidade dos dados do universo das mulheres empoderadas e captar as motivações, significados por eles construídos, bem como compreender as suas vivências.

3.2. Técnica de recolha de dados

No que concerne aos procedimentos utilizados para a colecta dos dados, o estudo adoptou tres técnicas, a pesquisa bibliográfica, historias de vidas, e a entrevista semi-estruturada.

3.2.1. Pesquisa bibliográfica

Numa primeira fase, foi feita a revisão bibliografica, a partir de artigos, dissertação de mestrado, e monografias que abordam os estudos sobre empoderamento feminino, todos consultados da internet. Os textos seleccionados por leitura analitica, permitindo identificar estudos semelhantes sobre a nossa pesquisa.

Segundo Gil (2000), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase

todos os estudos sejam exigidos algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no facto de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenómenos muito ampla do que aquela que poderia pesquisar directamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os factos passados senão com base em dados secundários. Estas vantagens da pesquisa bibliográfica têm, contudo, uma contrapartida que pode comprometer em muito a qualidade da pesquisa.

Segundo Sousa et. all (2021), pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direccionar o trabalho científico, o que necessita de uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico e tem como objectivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico.

3.2.2. História de vida

A história de vida é uma técnica de recolha de dados qualitativa que consiste em recolher dados biográficos sobre uma ou mais pessoas. É um método de investigação usado em Sociologia. História de vida trata-se de uma investigação que valoriza o significado simbólico que as pessoas atribuem aos fenómenos vividos por elas, cujo carácter distintivo esta na contextualização pessoal, histórica, social, institucional e/ou política de narrativas (Closs & Antonello, 2011).

As histórias de vida recolocam o ser humano diante de suas experiências e sentimentos ao contarem suas próprias histórias. Assim, contribui com um resgate da valorização humana, ao mesmo tempo em que possui grande potencial para a investigação social, uma vez que permite compreender a dimensão subjectiva dos actores sociais, possibilitando que a história de um indivíduo reflecta um momento histórico revelando

os valores da sociedade que podem interferir na realidade organizacional (Mageste & Lopes, 2007).

Essa abordagem permitiu captar a dimensão subjectiva das experiências, valorizando o modo que cada mulher interpreta a sua trajectória e constrói sentido sobre seu processo de empoderamento. Os relatos foram colhidos por meio de narrativas espontâneas e orientadas. As participantes puderam descrever acontecimentos marcantes das suas vidas desde a infância a até a fase adulta, destacando momentos de aprendizagem e desafios. A análise de história de vida possibilitou a compressão de factores sociais, culturais que influenciaram a capacidade delas de tomar decisões por si mesma.

3.2.3. Entrevista

Para recolha de dados optamos pela entrevista semi-estruturada, Bone e Quaresma (2005) defendem que as entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal.

O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa, fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” do tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direccionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objectivos sejam alcançados.

As nossas entrevistas, foram organizadas num guião pré-definido de questões. A realização das entrevistas teve uma duração média de 15 à 50 minutos, respeitando a privacidade de cada um deles. As mesmas foram administradas de forma individual, de modo a permitir que os participantes se sentissem confortáveis e livres de expor as suas ideias em relação ao assunto abordado.

Os dados foram recolhidos com recurso a um celular, que nos permitiu gravar as entrevistas com a permissão das entrevistadas. Numa fase posterior, transcrevemos as gravações no papel e, na sequência, para o computador, sendo um procedimento que nos

ajudou a garantir não só a transparência dos dados, como também, a preservação da identidade dos entrevistados.

A técnica permitiu que as participantes respondessem de forma livre, possibilitando que surgissem novas informações relevantes.

3.3. População

O conceito de população compreende o conjunto de indivíduos, que apresentam atributos próprios e vivendo em um lugar específico. Já a amostra, é concernente a uma parte total dos indivíduos que compõem o universo populacional. (Lakatos & Marconi, 2001).

O estudo buscou mulheres empoderadas na cidade de Maputo que tenham um negócio próprio, e que tenham frequentado nível básico, nível médio e nível superior.

3.3.1. Amostra e Amostragem

Seleccionamos doze mulheres das quais, (6) jovens, e 6 adultas, que se consideram empoderadas no mercado zimpeto enquanto exerciam suas actividades, com as idades compreendidas entre os vinte e um (21) e quarenta (40) anos. A técnica de amostragem usada para presente pesquisa foi por conveniência. Segundo Cunha (2017), ocorre quando o pesquisador selecciona os membros da população dos quais é mais fácil se obter informações. Foram seleccionadas as primeiras participantes que tivemos contacto e que se disponibilizaram a dar a entrevista.

3.3.2. Critérios de escolha dos participantes: inclusão e exclusão

Inclusão - Cada um dos participantes deste estudo foi seleccionado segundo os critérios a seguir:

Ser do sexo feminino; ter idade a partir dos 21 até 40 anos; ser residente em Maputo; ser empoderada; aceitar participar sem pagamento monetário; ter nível escolar entre nível básico, nível médio ou nível superior.

Exclusão- Na escolha dos participantes da amostra, excluimos os seguintes: Ser do sexo feminino, não residir em Maputo; não se considerar empoderada; participar da entrevista sob pagamento monetário; não dar o consentimento de participação na pesquisa.

3.4. Unidade de análise

A unidade de análise refere-se ao local onde será realizada a pesquisa, podendo ser cidades, escolas, indústrias ou até mesmo pessoas (Richardson, 2012). A pesquisa foi realizada no mercado Zimpeto.

3.5. Técnica de análise de dados

Definimos a análise de conteúdo, como técnica de interpretação dos dados, que é explicado por Quivy & Compenhoudt (1998), para a área das ciências sociais, como direccionado especialmente para analisar, minuciosamente, mediante procedimentos metodológicos, realidades sociais densas e complexas.

A análise de conteúdo, para além de interpretar as informações em estudo, supõe a observação da recorrência dos factos, que auxilia a apreender e cobrir todos os dados relevantes recolhidos. Ainda na perspectiva destes autores, para um estudo qualitativo, procede-se a análise, atendendo às variantes e relações mantidas entre as características do conteúdo discutido, como informação de base.

Portanto, a construção do método de análise auxilia ao pesquisador a interpretar os dados, isentando-se das suas preconcepções, pois a avaliação incide propriamente sobre os conteúdos apresentados. A análise de conteúdo permite uma avaliação objectiva das informações colhidas pelo pesquisador, durante a interacção com os informantes, e também apreender diante de um universo complexo de dados, aspectos centrais e essenciais para o estudo, de acordo com os pressupostos estabelecidos pelo pesquisador.

Definir o método de análise ajudou a focalizar os eixos de discussão e a apurar as regularidades das informações dadas. Durante o procedimento de colecta de dados, todas as entrevistas foram gravadas, antecedidas pelo consentimento dos participantes. As gravações serviram para posterior transcrição de dados, que foi feita de forma naturalista. A transcrição naturalista consiste em reproduzir detalhadamente todas as informações das entrevistas, tal como foram feitas, incluindo as expressões não-verbais, erros e elementos registados no momento da conversa com o participante.

3.6. Questões Éticas

No presente trabalho, fazemos o tratamento dos participantes tendo por base a neutralidade científica, por forma a garantir a validade do material empírico, que permitiu recolher os dados sem muitos constrangimentos pessoais. Nos apoiamos, também, na técnica sugerida pela nossa teoria, a redução fenomenológica, que sugere ao pesquisador a suspensão de preconceitos e juízos de valor e descrever de forma fiel os fenómenos da realidade social do modo como se apresentam na vida quotidiana.

Em pesquisas sociais, sugere-se a observância de questões éticas, por especialmente se tratar de trabalhos que lidam directamente com seres humanos. A maioria dos grupos-alvo de estudos, representam uma posição de susceptibilidades, vulneráveis a abuso e opressão, fazendo-se, portanto, preponderante o cuidado ao tratar das populações da investigação, informando sobre a pretensão da mesma, dos direitos reservados e dos riscos a eles associados, sem constranger de forma alguma aos informantes.

As entrevistas foram precedidas de um consentimento informado oral a cada um dos participantes, com os objectivos gerais da pesquisa, as entrevistas foram gravadas de modo a facilitar a recolha da informação. De forma a preservar as suas identidades, nos comprometemos a ocultar e proteger seus dados pessoais que os identifiquem e sem expô-los a riscos. Estabelecemos nomes fictícios aos entrevistados de modo a não revelar sua identidade.

3.7. Constrangimentos e superação

Como toda e qualquer pesquisa deparamo-nos com algumas situações que tornaram o nosso trabalho difícil em alguns momentos da recolha de dados, deste modo: durante o processo de pesquisa, a dificuldade que enfrentamos prendeu-se na colecta de dados, pelo facto de alguns participantes mostrarem-se indisponíveis, o que fez com que tivéssemos de remarcar a entrevista para outro dia, de acordo com a disponibilidade dos mesmos. Por esse motivo, as entrevistas tiveram a duração de quatro semanas.

Alguns participantes mostraram uma resistência para dar as entrevistas, alegando que isso não traria ganho nenhum e outro constrangimento foi o factor tempo, tendo em conta que a maioria das entrevistadas remarcavam as entrevistas.

Depois das entrevistas, alguns informantes se disponibilizaram a dar o contacto para mais esclarecimentos caso fosse necessário, e posteriormente foi necessário falar com alguns informantes por chamada telefónica como forma de reforçar os depoimentos. Todavia, face a essas dificuldades vimo-nos obrigados a traçar estratégias de modo a alcançarmos os nossos objectivos durante a colecta de dados e a principal foi de procurar fazer as entrevistas quando estivessem livres ou seja depois do trabalho ou o regresso da escola.

De referir que estas estratégias foram adaptadas como forma de conseguir obter todas as informações necessárias para o nosso trabalho de um modo mais abrangente.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta secção, apresentamos os dados colhidos no campo e seguimos com a discussão dos mesmos, apoiando-nos nas perspectivas teóricas e nos conceitos que guiaram a nossa pesquisa, bem como na confrontação dos resultados, com os dados levantados pelos estudos abordados na revisão de literatura.

4.1. Perfil sócio-demográfico

Nesta secção, apresentamos o perfil dos participantes na qual destacamos as características importantes para os objectivos deste estudo. No total foram realizadas doze (12) entrevistas.

O estudo do perfil sócio-demográfico das nossas entrevistadas permite-nos conhecer a sua origem social e geográfica, quais as características que os mesmos apresentam e de que forma se identificam. A descrição focaliza-se na idade, no sexo, no bairro de residência e no nível de escolaridade. Esses aspectos tornam-se relevantes na medida em que nos ajudam a identificar, caracterizar e descrever o nosso grupo-alvo.

O grupo alvo foi composto por 12 mulheres, de diferentes faixas etárias, com idades compreendidas entre 21 a 40 anos de idade.

Oito (08) participantes do nosso estudo que compõem a maior parte, residem no bairro de zimpento, e as outras participantes, duas (2) são residentes do bairro de kumbeza, uma (1) do bairro de Muhalaze e, por fim, uma (1) do bairro de Intaka.

Em relação ao nível de escolaridade das nossas entrevistadas, notamos que a maior parte tem o nível básico, apenas duas tem o ensino superior

Relativamente a profissão/ ocupação, os dados não demonstram muita diferenciação na medida que a maioria das nossas entrevistadas identificam-se como empreendedoras.

De um modo geral, o estudo considerou uma amostra constituída apenas por mulheres empoderadas, com idades compreendias entre 21 anos a 40 anos, distribuídos pelos

Variável	Discrição
Total de participantes	12 Mulheres
Idade	Entre 21 a 40 anos
Bairro de residência	Zimpento (8), Kmubeza (2), Muhalaze (1) e Intaka (1)
Nível académico	Nível básico (10) e nível superior (2)
Ocupação principal	Empreendedoras
Local do estudo	Cidade de Maputo

diferentes bairros da Cidade de Maputo, sendo que a maioria das entrevistadas tem o nível básico.

4.2. Percepções das mulheres em relação ao empoderamento feminino

Nesta secção, buscamos apresentar as percepções das nossas entrevistadas sobre o empoderamento feminino, explorando como elas compreendem e interpretam essa questão. O objectivo é de proporcionar uma compreensão mais profunda sobre como esse fenómeno é percebido por estas mulheres.

A fim de esclarecer a análise, optamos por dividir as percepções das nossas entrevistadas em categorias, nomeadamente: empoderamento feminino a partir do auto-reconhecimento, independência financeira, e empoderamento feminino como estilo de vida.

4.2.1. Auto-reconhecimento a autonomia como forma de empoderamento feminino

De acordo com as nossas entrevistadas o empoderamento feminino esta relacionado com o processo de identificação e auto-reconhecimento como uma mulher emponderada, trata-se de tomar consciência do seu valor, de suas capacidades e direitos construindo desse modo a sua autonomia em todas as esferas da sua vida, começando de casa para fora. Para elas o empoderar-se significa ser valorizada e ser reconhecida como sendo capaz de tomar decisões, expressar suas vontades e viver de forma independente sem subordinação a figura masculina. Como ilustram os depoimentos a baixos;

Empoderamento feminino é a autonomia da mulher em todas áreas da sua vida, financeira, no lar e no meio social, acho que uma mulher decidida, flexível e que sabe o que quer se enquadra muito bem nisso (entrevistada 1, 29 anos).

Para mim Empoderamento feminino é quando uma mulher se reconhece como tal, é dona de si e independente, uma mulher que trabalha não depende de nenhum homem, não espera que ninguém lhe dê dinheiro e que faça suas próprias coisas (entrevistada 2, 25 anos).

Os depoimentos apresentados ilustram a existência de uma convergência, ao compreender o empoderamento feminino como sendo um acto de auto-reconhecimento da mulher, trata-se de um processo no qual ela conquista autonomia, liberdade de escolha e capacidade de sustentar-se financeiramente e socialmente sem depender do outro, esse acto é vivenciada não só pela própria mulher, mas pela sociedade em geral. Chablé et al. (2007) *apud* Azevedo e Serpa, em estudo sobre poder e empoderamento feminino, consideram que empoderamento é a capacidade de ter acesso a capacidades e potencial humano, a habilidade de ter controlo sobre recursos físicos e ideologias, autoconfiança, poder interno, independência e força interior.

Di Liscia (2017) comunga da mesma percepção tratando o empoderamento como reconhecimento dos recursos pessoais, construção de um sentido de humanidade a partir do que se pode fazer e do que se tem acesso em termos de direitos e igualdade.

Neste sentido, a partir dos depoimentos das nossas entrevistadas e das contribuições dos autores acima mencionados podemos concluir que o empoderamento se dá pela autonomia, pela capacidade de alcançar seus próprios objectivos e a partir do que ela pode fazer para suprir suas próprias necessidades sem depender do outro.

4.2.2. Do saber ao poder: educação e poder financeiro como forma de empoderamento feminino

A independência financeira é um dos pilares para o empoderamento feminino, pois permite a ela autonomia de decisão, rompe com relações abusivas, dá a ela visibilidade perante a sociedade, pois quando uma mulher tem controlo sobre a sua renda ela conquista mais do que liberdade económica, ela conquista o direito de escolher seu caminho, de romper ciclos de dependência, ela assume seu lugar com firmeza e sabe dizer não como podemos aferir:

Empoderamento feminino, acho que é quando uma mulher é independente, tem sua renda própria e consegue suprir suas necessidades, quando uma mulher

trabalha ela é respeitada, ela pode escolher seu parceiro sua vida nesse caso e assim mostrar outras mulheres que nós mesmas podemos suprir nossas próprias necessidades sem depender de nenhum homem ou terceiros (entrevistada 3,38 anos).

Eu acho que empoderamento trata-se daquela mulher que luta por seus objectivos, faz de tudo para crescer, ter seu próprio dinheiro e manter seus negócios mesmo tendo dificuldade, ela não desiste, é uma mulher guerreira, ela faz de tudo para se levantar (entrevistada 4, 33 anos).

A independência financeira não se manifesta apenas na esfera individual, ele se torna significativa socialmente quando é reconhecido pelos outros; a mulher que luta decidida tem uma visibilidade perante os outros, essa visibilidade reforça a identidade de mulher emponderada, tornando o empoderamento na construção das interações com os outros indivíduos. Segundo Schutz, nossas acções são guiadas por um conjunto de saberes e experiências compartilhadas, e esses saberes orientam o individuo, moldando seu comportamento e suas expectativas

O trabalho feminino tem sido apontado como causa ou condição para as mudanças em curso nas relações de género, e também, no formato das famílias. Nessa perspectiva, Sen (2000) sinaliza que, quando as mulheres podem auferir renda fora de casa, e o fazem, isso tende a melhorar a posição feminina relativa, inclusive em distribuições no âmbito familiar. Ao ter renda, a mulher passa a ter voz mais activa, pois depende menos dos outros. Adicionalmente, a contribuição da mulher para a prosperidade da família se torna mais visível quando ela trabalha fora de casa e recebe um salário. A condição de agente das mulheres, com ganho do poder, é um dos principais mediadores da mudança económica e social, sua determinação e suas consequências relacionam-se estritamente a muitas características centrais do processo de desenvolvimento (Sen, 2000).

A independência financeira fortalece não apenas a mulher, assim como outras mulheres a sua volta, como ilustram os depoimentos, mulheres que empreendem, ajudam outras mulheres dando a elas emprego e motivam outras mulheres a fazerem o mesmo.

O empoderamento sugere uma ideia de processo, ou seja, a passagem de estado de não se ter poder para o de se ter poder. Para se progredir de um estágio para o outro, o

indivíduo vive um processo através do qual ganha autoconfiança, se apodera de alguns recursos e torna-se capaz de tomar decisões necessárias ao controle de sua vida, no presente, e institui acções estratégicas para o futuro (Presser & Sen 2000).

Para as entrevistadas a independência financeira é um importante dispositivo para que elas alcancem maior autonomia. Além disso, na percepção dessas mulheres, o facto de ela ter renda própria faz com que sejam mais valorizadas e estabeleçam relações sociais. Dessa forma, o facto de ela ter seu próprio dinheiro, não é significativo apenas no âmbito económico, mas também no social e psicológico, ou ainda, pode proporcionar-lhe a gratificação de ter voz.

De acordo com as nossas entrevistas o empoderamento feminino é um processo e ele não se dá do dia para noite, segundo elas, a educação é a base, pois dela pode se alcançar outros itens, como a independência financeira, capacidade de liderança e controle sobre sua própria vida, não basta se definir como mulher emponderada, é necessário ter critérios e atributos para ser emponderada como podemos ver nos relatos:

Para mim, uma mulher para ser empoderada precisa passar por algumas fases, ela precisa estudar, sem educação não há como crescer, depois ter independência financeira para poder suprir suas necessidades sem precisar recorrer o tempo todo ao seu parceiro por exemplo, não que ela não deva pedir, mas ela precisa trabalhar, ser autónoma para não sofrer nas mãos dele, porque os homens hoje em dia já não querem mulheres que não fazem nada, tem que trabalhar (entrevistada 08, 35 anos).

Bom, eu acho que para uma mulher ser empoderada, ela primeiro tem que ser estudada, a educação é muito importante, pois ela é que nos dá poder, nos abre os olhos para sabermos o que nós realmente queremos, não precisa ser formada, no mínimo que tenha ensino básico (entrevistada 01, 25 anos).

A educação é a chave para o empoderamento das mulheres, elas têm melhor acesso as oportunidades na força de trabalho, com a educação, as mulheres podem viver buscando seus próprios objectivos e valores. O conhecimento transforma vidas e abre portas para oportunidades que antes pareciam inalcançáveis. A educação é um dos pilares para o

empoderamento feminino, pois permite que as mulheres ampliem suas possibilidades de carreira, se tornem independentes e rompam ciclos de desigualdades.

Segundo dados da ONU, mulheres com acesso a educação têm maior probabilidade de conquistar empregos bem como contributos ao seu crescimento económico. Investir na formação académica e no aprendizado contínuo é um dos caminhos mais poderosos para garantir uma mulher empoderada.

Segundo Barbosa (2015), a educação e o desenvolvimento, percebidos numa estreita relação, colocam o foco na expansão de liberdades ou capacidades (capabilities), ou seja, no alargamento das potencialidades que a pessoa precisa para realizar aquilo que mais valoriza na vida.

Ao abordar a educação como instrumento de empoderamento feminino, Stromquist (1997) assegura que este pode ser visto como um processo político capaz de pressionar os formuladores de políticas públicas a desenvolverem acções favoráveis ao pleno desenvolvimento feminino. Promover o conhecimento é um meio que pode ser usado para transformar vidas. Ainda que mínimo, o aprendizado será essencial para o crescimento da mulher.

O acesso a informação permite que mulheres compreendam seus direitos, questionem padrões culturais que as retrocedem, ela promove o pensamento crítico, essencial para resistir a preconceitos machistas. Mulheres educadas participam mais na vida pública, sabem o que querem e como conquistar seu espaço, essa mulher consegue liderar e capacitar outras mulheres.

4.2.3. Empoderamento feminino como estilo de vida; aparência e banalização

O empoderamento é visto como sendo um estilo de vida, “fazer o que quiser sem se importar com a opinião dos outros”, para elas o empoderar-se é ser uma mulher livre nos padrões que ela mesma se atribui, sem passar por um processo de transformação e treinamento de liderança feminina. O facto de ela ter acesso a liberdade faz dela uma mulher emponderada. Como ilustram os depoimentos abaixo.

Para mim empoderamento feminino é quando uma mulher é livre de fazer o que quiser, se bancar, ter amor-próprio, vestir o que quiser sem se importar com

olhares ou represarias, por exemplo, eu txilo manig, pessoas falam, mas eu não me importo, porque a vida é minha, eu tomo decisões por mim (entrevistada 5, 22 anos).

Para mim empoderamento feminino é ser uma mulher com ambições, se amar, ser você mesma, ter dinheiro, o dinheiro é tudo, com ele você faz o que quiser, sem dinheiro não se passa (entrevistada 6, 22 anos).

Portanto observando os dados obtidos entendemos que, o empoderamento é visto de maneira superficial, tendo em conta apenas atributos pessoais, como liberdade excessiva para curtir, se divertir, frisando o dinheiro como base para tal empoderamento.

Berger e Luckmann argumentam que a realidade é legitimada por meio de um processo de institucionalização (1978). As falas das entrevistadas mostram que o conceito de "empoderamento feminino" é naturalizado pela sociedade ao ser constantemente legitimado por discursos vazios e pessoais, que associam o empoderamento feminino ao estilo de vida. A ideia de que o empoderamento feminino é fazer o que quiser sem se importar com a opinião dos outros por exemplo (como mencionado pela primeira entrevistada 5) reflecte essa legitimação social.

Ser empoderada para mim é você se bancar, mulheres que não precisam de opinião de ninguém para serem bonitas e donas de si, ter amor-próprio, ter dinheiro para sair, se divertir, tipo agora assim estou a curtir, naqueles tempos só de você sair era problema, agora você basta ter dinheiro ninguém fala nada, você faz o que quiser (entrevistada 7, 25 anos).

A ideia de liberdade é percebida de forma limitada, o empoderamento passa a ser visto apenas num único lado, uma mulher empoderada é aquela que se ama, se valoriza e se basta e isso é traduzido em hábitos de consumo, a ideia de curtir a vida e fazer o que quiser é uma faceta do empoderamento moderno, o actual. No entanto, quando o foco está apenas na liberdade individual o conceito perde sua essência e o seu significado original, como a luta pelos seus direitos, o empoderamento vira um estilo de vida leve, que acaba fechando as dificuldades reais que ainda estão evidente no quotidiano.

O empoderamento feminino se constitui por acções que buscam fortalecer mulheres e desenvolver a sua capacidade de auto-afirmar-se como mulher autónoma e capaz, se

compõe por uma consciência colectiva e está interligado com as lutas do dia-a-dia em suas experiencias quotidianas.

O empoderamento deve ser considerado um aspecto colectivo pois há a necessidade de compreender a influência social e o que o acesso ou não aos direitos acarretam na vida dos indivíduos, para se pensar formas de minimiza-los, caso sejam negativos. É preciso considerar a relação entre as práticas quotidianas e as estruturas de poder e considerar o contexto social, histórico e político dos indivíduos (Leon, 1997).

O empoderamento deve ser visto de forma colectiva, a influência social deve se ter em conta, pois é preciso considerar-se as práticas quotidianas dos próprios actores sociais. Afinal, o que é empoderamento? Hoje, o termo se tornou uma expressão vazia e parece estar ligado a uma série de disposições psicológicas associadas com confiança, auto-estima, coragem e conforto das mulheres. Ao ser usado no dia-a-dia, pouco se debate sobre o que realmente significa ser empoderada e se empoderar, apesar de seus sentidos soarem claramente difusos.

Quando o empoderamento é adaptado como estilo de vida, ele se torna parte da realidade vivida por essas mulheres, elas atribuem ao termo um sentido prático expresso por gestos, linguagem e comportamentos, se amar, se priorizar. Segundo Schutz, esses significados são construídos inter-subjectivamente, ou seja, nascem nas relações sociais e nos contextos de comunicações (como redes sociais, mídia), assim o empoderamento passa a ser uma construção simbólica colectiva, ainda que experiencie individualmente.

Acontece que antes de ser uma qualidade, um adjectivo, o empoderamento era um conceito. Joice Berth, em seu livro *Empoderamento* (2019), busca resgatar as origens e significados do termo, pois entende que este é um conceito complexo que foi distorcido, esvaziado e utilizado de forma a fugir de seus significados iniciais, gerando críticas e incompreensões (Da Silva, 2023).

Podemos ainda perceber que muitas mulheres se consideram empoderadas sem ter entendimento sobre o que realmente significa ser emponderada, deixando os princípios e bases para poder ter esse título de lado, olhando apenas para si própria, desclassificando à opinião de outros, individualizando o conceito e seus princípios para se alcançar.

Na perspectiva das nossas entrevistadas, para ser empoderada parte de si, sentir-se e se considerar empoderada, “até porque ninguém precisa te qualificar como tal”, algumas acrescentam que o dinheiro é essencial, pois ele é o que te da liberdade, e outras argumentam que estudar não é para todos, alguns não tem capacidade para reter as matérias e é muito difícil se concentrar. Para você ser dona de si, ser livre não precisa de escola, dinheiro é o básico.

Eu acho que para uma mulher ser empoderada parte dela, ser ela mesma, ninguém te atribui essa categoria, você mesma deve se atribuir, estudar não é tão imperioso, se tiver dinheiro acho que é suficiente (entrevistada 11, 24 anos).

Eu acho que para uma mulher ser empoderada, primeiro ela deve se considerar, depois ter independência financeira, dinheiro é tudo mana, você com txi ninguém fala nada (entrevistada, 12, 21 anos).

Eu acho que não preciso estudar para ser empoderada, se você se valoriza, tem dinheiro, veste bem, é bonita, mana é tudo, dinheiro não falha, sem dinheiro não tem como (entrevistada, 04,22 anos).

Actualmente mulheres são empoderadas por qualquer coisa que elas fazem, em tradução livre, vemos que actividades do dia-a-dia praticadas por mulheres estavam sendo consideradas como símbolos de emancipação feminina e expressão de poder.

Segundo o Silva (2023), uma década antes, o empoderamento feminino dependia de obter participação política, alcançar espaço e sucesso em ambientes de trabalho dominados por homens e com liberdade sexual. Mas agora o empoderamento feminino é acessível a todas através de tarefas como: comprar roupas e sapatos, limpar a casa, levar os filhos para escola, comer barras de cereais, sair com as amigas, assistir tv e consumir literatura feminina.

Podemos concluir através dos depoimentos que para algumas mulheres o empoderamento não é um processo contínuo, é apenas uma categoria, em que se atribuem por elas mesmas, colocando valores monetários como o único atributo, nos discursos elas não falam de trabalho, mas frisam independência financeira como se exercessem alguma actividade. Nesse contexto observamos que a construção do empoderamento perde o seu sentido original, como destacado acima, o empoderamento

feminino antes era a luta pela igualdade de direitos a cargos políticos, ser dependente e a produzir essa consciência noutras mulheres.

Portanto, esse discurso mudou as transformações e dinâmicas do mundo contemporâneo, trouxeram novas abordagens a partir da narrativa da própria mulher, que deixa claro que ela entende esse conceito de maneira individual, sendo que ele é também colectivo.

4.5.1. Sororidade¹ e espírito de liderança como ferramenta de empoderamento feminino

Segundo as nossas entrevistadas, destaca-se o fortalecimento do espírito de liderança e sororidade entre as mulheres, que passam a apoiar-se mutuamente. Esse apoio manifesta-se, por exemplo, através de palestras destinadas a conscientizar sobre o verdadeiro significado de ser uma mulher empoderada. As entrevistas observaram que esse conceito tem sido frequentemente mal-interpretado, levando muitas mulheres a adoptar comportamentos que fogem ao seu sentido original. Essa realidade é visível nos depoimentos apresentados a seguir:

Para mim para uma mulher ser considerada empoderada, ela precisa primeiro ter escola, assim ela terá consciência de que o empoderamento não é vaidade, mas sim consciência de liderança por exemplo, ajudar outras mulheres, mas o que tem acontecido é que nós as mulheres não nos apoiamos, e uma mulher que não apoia as outras não devia estar nessa categoria (entrevistada 09, 33 anos).

Acho que para se alcançar o empoderamento da mulher, ela precisa ser treinada, ela precisa ter uma bagagem, escola, dinheiro, e solidariedade com outras mulheres, mulheres hoje em dia entendem esse conceito de forma errada, só por ela fazer parte da Inuka, por exemplo, kkkk, ela já acha que é empoderada (entrevistada 10, 28 anos.)

O termo sororidade propõe um olhar mais efectivo, acolhedor e solidário entre as mulheres. A rivalidade entre as mulheres é muito comum, elas competem entre si em todas esferas da vida, na estética, no trabalho entre outras. Elas ressaltam a ideia de que

¹ Sororidade é a expressão de sentimento de empatia e solidariedade entre as mulheres, diz respeito a relação de companheirismo, é parte da essência feminina como um sentimento inconsciente que emana do interior das mulheres.

uma mulher sem empatia por outra não pode se considerar empoderada, pois, ao olhar para outra mulher, ela deveria ver a si mesma. Como liderar outras mulheres sem empatia? Como incentiva-las se não existe a capacidade de se colocar no lugar da outra?

Mulher empoderada está sempre em busca de crescimento pessoal e profissional, buscando educação, capacitação e novas oportunidades. O empoderamento feminino é um processo contínuo de construção de autonomia, crescimento intelectual e apoio mútuo a outras mulheres (ONU Mulheres 2016).

Martins (2019) salienta que a sororidade diz respeito à “relação de companheirismo e empatia entre as mulheres” e reitera que “a união feminina embasada pela solidariedade e empatia surge como uma promessa de transformações.

Com os depoimentos acima, podemos perceber que o empoderamento feminino não é apenas uma categoria, mas tem os itens que a sustentam, tais como independência financeira que auxilia na busca por crescimento profissional e a educação que é o fio condutor para que ela se posicione.

4.3. Trajectórias das mulheres para alcançarem o empoderamento feminino

Nesta secção, buscamos apresentar uma análise das experiências vividas pelas nossas entrevistadas, enfatizando experiências pessoais e influências sociais na sua trajectória para alcançar o empoderamento feminino.

As trajectórias das mulheres para alcançar o empoderamento feminino são diversas e multifacetadas, influenciadas por diversos factores culturais, sociais e pessoais. Apesar das diferenças, muitas mulheres partilham histórias comuns na sua caminhada até chegar ao empoderamento feminino.

4.3.1. Inserção das mulheres ao empoderamento feminino

O empoderamento feminino é o processo pelo qual as mulheres passam a reconhecer, reivindicar e exercer os seus direitos. Para que a mulher hoje tenha o título de empoderada, ela teve que lutar, conquistar e batalhar, através do seu trabalho e dedicação. Com base nos dados colhidos observamos que embora as mulheres tenham o mesmo objectivo, de alcançar o empoderamento feminino, suas histórias de vida são diversificadas, pois suas experiências são bastantes divergentes. Algumas começaram

desde muito cedo a trabalhar pelas dificuldades que enfrentaram ao longo do caminho, sendo forçadas a ter o espírito de resistência para continuar como ilustram os depoimentos abaixo.

Chamo-me B, nasci em Maputo, tenho 25 anos de idade, eu cresci com os meus pais, e eles não tinham muitas condições, tivemos que aprender a trabalhar ainda muito cedo, meus pais separaram-se quando eu tinha 12 anos, minha mãe foi expulsa pelo meu pai e a pela família dele também, então eu preferi viver com minha mãe, daí tive que romper com os estudos quando estava a fazer 10ª classe e comecei a fazer negócio. Ajudava as pessoas me davam um 100, depois de um tempo voltei á escola para concluir a 10 classe e ver se continuava ou parava novamente. Comecei vender pão aos 15 anos, andava pelas ruas, e pelas casas também. Depois comecei a vender calcinhas, na escola, e na zona, algumas pessoas não me pagavam, mas eu precisava trabalhar porque aquele era meu sustento e da minha mãe, já que ela não trabalhava na época, eu conheci a vida muito cedo, e de certa forma agradeço, porque a partir disso aprendi muito cedo a dar valor as pequenas conquistas da vida. Minha mãe me ensinou desde muito nova que não podemos depender dos outros ao não ser de nós mesmas (entrevistada 4, 25 anos).

Chamo C, tenho 27 anos de idade, nasci em Maputo, cresci com minha avo, porque meus pais deixaram-me com ela, quando era pequena, estudei até 10ª , daí fui para o instituto, para fazer um curso médio, mas não conclui, porque tive que começar a trabalhar, porque minha avó não tinha mais força para trabalhar, não foi fácil começar, encontrei barreiras pelo caminho, procurei trabalho e não encontrei, então pensei em um negocio próprio, que de início foi muito difícil engrenar pela concorrência. Vendia roupas e sabemos que ultimamente esse negócio é um dos mais concorridos pelas mulheres, para ter clientes não é tão fácil assim, vi a necessidade de voltar à escola, então vendia e estudava ao mesmo tempo, para poder pagar as minhas próprias contas. A rotina era cansativa, primeiro vendi roupas da calamidade, foi crescendo e hoje vendo através das redes sociais. (entrevistada 5, 27 anos).

O empoderamento é visto como um processo no qual ganha-se, desenvolve-se e facilita-se a autoridade e a habilidade, com ênfase no grupo que alcança seu próprio empoderamento e não depende de uma “entidade superior” que dê poder aos outros (Montano, 2001).

Para isso, o primeiro passo para as mulheres seria a conscientização sobre esse ‘cenário’. Ou seja, despertar a consciência em relação à discriminação de género, indignar-se com esta situação e querer transformá-la. Entretanto, esse despertar não acontece naturalmente, dentro de uma condição de subordinação, uma vez que essa condição já está bastante internalizada e condicionada. Há, portanto, a necessidade de factores ou forças externas agirem no sentido de mostrar a elas o direito à igualdade, dignidade, vez e voz (Lisboa, 2008; Sardenberg, 2009).

Observamos que o empoderamento é um processo, primeiro é o despertar da mulher, a consciência de que ela é capaz e tem poder de tomar decisões sobre ela mesma, que ela pode ser autónoma através do seu trabalho e dedicação. Essa ideia é reiterada por Léon (1999), que afirma ser o empoderamento um processo por meio do qual as mulheres conseguem desenvolver sua capacidade de conduzir suas próprias vidas, assim como seu entorno. Com isso, há um incremento na conscientização sobre elas mesmas, suas condições e sua efectividade nas relações sociais como podemos ver no trecho abaixo.

Chamo D, tenho 38 anos de idade e nasci em Inhambane, cresci numa zona muito humilde, sem muitas condições, vivia com meus pais, até que engravidei e muitas coisas pararam, meu marido e eu decidimos ir a Maputo para procurar melhores condições de vida, mas chegando a Maputo os problemas só começaram, eu e meu marido nos separamos, virei mãe solteira e tive que batalhar sozinha, com filho, sem dinheiro, sem trabalho, tinha que encontrar uma maneira de me virar, foi ai que comecei, Primeiro vendia calcinha pelas ruas, não era um trabalho fácil porque, percorria altas distâncias, então com tempo mudei de negócio, e comecei a vender pão, depois entrei na área das verduras que também era mesmo processo vendia casa em casa. Vi que caminhar não estava a dar mais, procurei outras formas de me sustentar, já que sou mãe solteira e tenho que phandar até abrir a minha própria banca. (entrevistado 6, 38 anos).

Experiências pessoais permitem-nos compreender a dimensão subjectiva dos actores sociais, possibilitando que a história de um indivíduo reflecta um momento histórico revelando os valores da sociedade que podem interferir na realidade organizacional (Mageste & Lopes, 2007). No caso desses trechos, podemos ver que a experiência de cada actor tem sua própria essência, conta sua própria história, rumo ao mesmo objectivo, alcançar a autonomia, a liberdade expressiva. Esses trechos ilustram o empoderamento como sendo um processo contínuo de transformação e resiliência.

Schutz enfatiza que cada indivíduo percebe e interpreta o mundo com base nas suas experiências subjectivas e no “estoque de conhecimentos disponíveis”. Aplicado ao estudo, isso significa que o empoderamento é construído a partir das experiências individuais.

O “mundo da vida” é o cenário quotidiano onde os indivíduos vivem, agem e interagem. No contexto do empoderamento, seria essa busca pela autonomia e reconhecimento.

4.3.2. Engajamento e progresso das mulheres por meio do empoderamento feminino

O engajamento e o progresso das mulheres em busca do empoderamento feminino é um processo que envolve consciência, acção e transformação. Ele acontece quando as mulheres reconhecem suas capacidades e vê a necessidade de crescimento pessoal, e por meio disso conquistarem espaço em diferentes esferas da vida. O empoderamento não é um estado estático mas sim contínuo, ele evolui autonomia económica, participação social, entre outros estágios que são alcançados ao longo do percurso. Nossas entrevistadas referenciaram que para obter seu progresso, passaram por processos não imediatos, onde a resiliência e a vontade fizeram com que elas chegassem longe, o trabalho e a vontade de crescer, ser autónoma e vencer na vida foram suas motivações como ilustram os trechos abaixo:

Comecei meu negócio na Inuka no ano de 2023, quando comecei, era somente para ter uma renda extra, vendia somente para pessoas próximas, até que comecei a participar de formações, para melhor entender o meu negocio, participei mais das palestras, comecei a vender para desconhecidos também, e comecei a recrutar pessoas para também venderem produtos da inuka, o recrutamento é uma das metas que devemos cumprir para receber um salario na

inuka, com o passar do tempo fui crescendo tanto no negócio assim como dentro da inuka, em 2024 subi de nível, para uma categoria que chamamos de perla, onde comecei a receber um salario fixo, isso me motivou a progredir mais, a inuka também proporciona viagens, em 2025 fiz minha primeira viagem, fui a Pretória, minha primeira viagem através do meu trabalho. Juntei dinheiro e consegui fazer a viagem, agora estou muito mais elevada nas vendas e junto com o salario da inuka consigo fazer minhas próprias coisas, e ajudar em casa (entrevistada 08, 35 anos).

Primeiro comecei trabalhando numa boutique de roupas da shein, mas tive que parar de trabalhar, comecei a vender carvão, por um período, com o dinheiro do carvão fazia xitique para fazer outras coisa, alguns meses depois comecei a vender perfumes online, ganhei muitos clientes, as vendas começaram a subir, então uma das minhas clientes convidou-me a fazer parte da inuka, participei activamente das formações e capacitações para melhores estratégias de vendas. Em Janeiro de 2025 decide ter minha própria loja de perfumes, no início tinha dificuldades com a renda, tive apoio dos meus irmãos, agora tenho minha própria loja, e as vendas estão a correr muito bem, consigo pagar meus gastos e meus caprichos (entrevistada 07, 25 anos).

O empoderamento relaciona-se com a capacidade das mulheres, individualmente ou colectivamente, de adquirirem e reconhecerem seu valor na sociedade. Nesse sentido, o empoderamento pode ser observado sob algumas perspectivas, sejam elas, “pelo conhecimento dos direitos da mulher, por sua inclusão social, Instrução, profissionalização, consciência de cidadania e, também, por uma transformação no conceito que ela tem dela mesma, em sua auto-estima” (Ferrari, 2013, p. 2).

O empoderamento feminino impulsiona as mulheres a conquistarem seu espaço na sociedade, rendimento próprio e força de vontade de crescimento, através da sua conquista, busca por liberdade e igualdades de direitos, acesso ao conhecimento e a informação, encorajam-se em priorizar suas necessidades e a própria inclusão no mercado de trabalho.

Schutz distingue entre motivações voltadas ao passado (motivos porquê) e motivações orientadas ao futuro (motivos para). Esses aspectos ajudam a compreender porque é que

os indivíduos começam a buscar por autonomia e crescimento, experiências passadas como de opressão, limitações impostas por normas sociais funcionam como motivos porque, elementos que explicam desejos de mudanças e questionamentos, é daí onde surge a vontade de crescer e sair da invisibilidade. Os objectivos de conquistar o espaço público, ter voz perante a sociedade são os (motivos para) que orientam as acções dos indivíduos.

4.4. Construção social do empoderamento feminino

A fim de esclarecer nossa análise, optamos por dividir as percepções das nossas entrevistadas em duas categorias, nomeadamente: Influência da sociedade (família e escola) e a influência das mídias sociais (facebook, Instagram entre outros).

4.4.1. Construção do empoderamento feminino a partir da cultura

No contexto da construção do empoderamento feminino, a cultura desempenha um papel crucial, na qual inclui normas, valores e crenças que influenciam como os indivíduos percebem seus papéis e suas funções. A família transmite normas e valores desde a infância, valores estes que moldam a percepção dos indivíduos desde a infância até a fase adulta.

Segundo Berger e Luckmann, o processo de socialização primária é crucial para a formação da percepção da realidade. Esse processo ocorre dentro da família e é onde os indivíduos começam a internalizar as normas e valores sociais.

A maioria das nossas entrevistadas reconhecem que a sociedade teve e tem um papel na forma em como elas encaram e olham para determinados assuntos, é importante destacar que nem dentro do próprio meio social há uma diversidade de ideias; em algumas comunidades uma mulher trabalhar é sinal de superioridade ao homem, a ideia de ela trabalhar e ser dependente dela mesma é sinal de desrespeito.

O apoio da família ainda é escasso principalmente dos parceiros, alguns homens não permitem que as mulheres trabalhem, tem homens que foram criados desde meninos que eles é que devem ser provedores e a mulher nasceu para ser dona de casa, e isso dificulta o processo de empoderamento (entrevistada 01,29 anos).

Como podemos perceber que, desde a infância, como refere a entrevistada, alguns homens crescem com a ideia de que a mulher não foi feita para sair de casa, ou seja, exercer outras actividades ao não ser cuidar do lar. Eles crescem em ambientes onde são ensinados desde cedo que o homem é que tem dever de trabalhar e conseqüentemente são reforçados a essa construção de uma realidade em que a mulher limita-se apenas a ser dona de casa, foram internalizados desde cedo como uma verdade objectiva. Esse processo reflecte a internalização de normas culturais relacionadas ao comportamento de uma boa mulher, aquela que ouve seu marido e permanece em casa cuidando da casa e dos seus filhos, foram transmitidas pelos pais como autoridades legítimas.

Observamos que ainda há, por parte da própria sociedade, uma forte ideologia que inferioriza a mulher, reafirma a hegemonia masculina e contribui para restringir suas potencialidades de desenvolvimento, colocando-a em posição desigual em relação ao homem. Essa mesma ideologia é perpetuada pela família.

Sociedade não contribui, ainda há muita dificuldade das mulheres serem ouvidas, a mulher ainda não tem um valor tão grande assim. Ainda há muita opressão por parte dos homens principalmente em famílias mais rígidas, embora o empoderamento venha ganhando espaço, ainda existem famílias que dificultam que muitas mulheres desenvolvam (entrevistada 03, 38 anos).

O ambiente familiar pode ser visto como uma micro-instituição que legitima práticas associadas ao papel da mulher no meio social. A educação dada pelos pais a divisão de papéis na família reforça essas práticas como normais e desejáveis. A ideia de que "a mulher não deve trabalhar por exemplo" é institucionalizada por meio da prática familiar, e essa realidade é reforçada pela divisão de papéis. Isso demonstra como a família funciona como uma instituição que legitima e perpetua certas normas de comportamento.

A família actua como agentes de socialização transmitindo concepções sobre o papel da mulher na sociedade. Como resultado, algumas comunidades não apoiam o empoderamento da mulher, julgando que a mulher não precisa trabalhar ou progredir, pois esse papel é do homem. Isso reflecte como a família pode actuar na construção da realidade do empoderamento feminino, estabelecendo padrões de comportamento que são vistos como naturais e desejáveis.

Para Berger e Luckman (1988), a construção social é o processo a partir do qual os homens atribuem sentidos e significado ao mundo, através da interação social feita ao longo do processo de socialização, quando se passa a representar e atribuir significados ao mundo que os rodeia. Assim, construção social será o conjunto de interação e mediação sociocultural que determina o modo como o homem tem de ver e representar o mundo.

Segundo Berger e Luckmann, a socialização primária (na infância) e a socialização secundária (ao longo da vida adulta) são processos centrais para a construção da realidade (1978). A maneira como os pais, amigos e a sociedade lidam com temas como o empoderamento feminino e o papel da mulher molda a forma como o indivíduo vê a si mesmo e como constrói sua identidade.

Como podemos perceber a sociedade ainda influencia a forma como os indivíduos moldam suas vidas. Indivíduos são moldados e constroem as percepções tendo em conta tudo que lhe é inculcado pelo lugar onde se encontram.

Para Minuchin (1982) citado por Melo (2000), a família é uma unidade social que desenvolve múltiplos papéis fundamentais para o crescimento psicológico do sujeito, convive com as mudanças de valores, de padrões éticos, económicos, políticos e ideológicos cuja finalidade é acompanhar as transformações da sociedade. Transmite a tradição e representa o cenário do imaginário cultural, com os significados e significantes dos ritos e mitos do presente e do passado.

A partir desses trechos, é possível notar que as noções do empoderamento feminino, o papel da mulher assim como a do homem são socialmente construídas e transmitidas por meio de interações familiares. A socialização primária dentro da família molda profundamente a maneira como os indivíduos percebem sobre determinados assuntos. As normas comportamentais são institucionalizadas e legitimadas no ambiente familiar, sendo internalizadas e incorporadas à identidade dos indivíduos ao longo do tempo. A família, assim, age como um agente central na construção social da realidade social, reforçando normas e expectativas que são perpetuadas de geração em geração.

Portanto, a construção social do empoderamento feminino é fortemente influenciada pela cultura em que vivemos. Normas culturais, crenças, valores e práticas sociais

moldam nossa percepção e entendimento sobre o empoderamento feminino, incluindo padrões de mulheres ideais para a sociedade até mesmo a forma como nos relacionamos com a nossa própria autonomia.

O empoderamento da mulher na sociedade é algo que deve ser trabalhado todos os dias, a conscientização se faz necessária, as mulheres devem manter a união diária em prol das garantias de direitos, mesmo que ainda muito já foi feito, mas é necessário continuar lutando.

4.4.2. Construção social do empoderamento feminino a partir das redes sociais

As redes sociais desempenham um papel significativo na construção social do empoderamento feminino, pois fornecem plataformas para a disseminação de ideais de mulheres empoderadas, tendo em conta múltiplos padrões. Influenciadores, celebridades e usuários comuns que compartilham um estilo de vida que muitas vezes não constitui a verdade, criando uma representação idealizada do empoderamento errado. Isso pode levar à comparação social e à pressão para se conformar a esses padrões e a posterior imitação dos usuários. Além disso, as redes sociais podem amplificar as mensagens positivas ou negativas sobre o empoderamento feminino, influenciando a percepção colectiva do que realmente significa ser uma mulher empoderada.

Redes sociais influenciam de forma muito negativa. Porque elas propagam um estilo de vida falso e isso faz muitas manas se perderem, ao tentar ser como fulana, e, ainda por cima, seguem essas pessoas e tentam viver o estilo de vida delas a qualquer custo (entrevistada, 02,27 anos).

As redes sociais influenciam sim, eu por exemplo sigo muitas mulheres no Instagram e Facebook, embora outras tenham discursos tortos, como por exemplo meu corpo minhas regras, incentivando outras mulheres que ser empoderada e fazer o que quiser vestir-se de como queira. (entrevistada 03, 25 anos,)

Actualmente, a sociedade emprega uma importância excessiva a vida de aparência, Berger e Luckmann (1996) argumentam que a sociedade institucionaliza e legitima certos padrões de comportamento, que passam a ser vistos como “normais” ou “desejáveis”. Nas redes sociais, o empoderamento, é construído como sendo uma vida

de aparência amplamente institucionalizado e legitimado, tanto por influenciadores quanto por pessoas comuns que compartilham suas rotinas.

A realidade, segundo Berger e Luckmann, é construída de forma intersubjectiva, ou seja, em interação com outras pessoas. As redes sociais, como espaços de interação virtual, permitem que essas interações ocorram em larga escala, criando um processo de validação social contínuo. Como apontam os depoimentos, muitas mulheres copiam esses padrões de vida tentando torna-los reais em seu dia-dia.

Mulheres como mana Cecy em suas lives no facebook e instagram, incentivam mulheres a se empoderar e conseqüentemente perdem o lar alegando que não dependem de homem para viver, esse tipo de incentivo que não deviria haver, essa influencia errada do que é ser empoderada, você pode ter marido e ser empoderada (entrevistada 09, 33 anos)

Ultimamente, o empoderamento passou a ser visto como identidade de consumo, a sociedade contemporânea, através da mídia, propõe uma imagem de empoderamento voltada somente à aparência, um estilo de vida liberal em que o dinheiro e liberdade excessiva tende a ditar um certo padrão de vida, levando o indivíduo a converter sua vida numa construção produzida pelos outros.

A entrevistada também menciona como o Instagram e o Facebook disseminam informações de empoderamento errado. As redes sociais, nesse caso, funcionam como uma plataforma de socialização secundária, onde os padrões de comportamento e de empoderamento ideal observados, aprendidos e aplicados na vida real. não apenas consome esses conteúdos, mas os integra em sua própria prática cotidiana.

Acho que a internet ajuda assim como também não ajuda, o que é mais consumido é o errado, vejo meninas de seus 18 anos a se acharem empoderadas só porque seguem mulheres empoderadas nas redes sociais, e o mais triste é tentar imitar essa vida sem esforço, exemplos os lugares que elas frequentam, a formam como se vestem e até o que fazem para manter sua vida (entrevistada, 05, 22 anos)

A entrevistada percebe que ao tentar copiar ou imitar a rotina de certas personalidades da mídia, ocorrem mudanças significativas na percepção do empoderamento feminino, e

isso é, em parte, resultado da validação social que ela observa nas redes. Acompanhando o dia-a-dia dessas mulheres, elas internalizam que essas práticas são corretas e eficazes, levando-a a incorporar essas rotinas em sua própria vida. A validação intersubjectiva vem da observação do estilo de vida dessas mulheres

Através dessa interacção virtual, ela valida seus próprios esforços e objectivos, observando que essas figuras femininas já alcançaram o sucesso que almeja. A intersubjetividade aqui cria um senso de pertencimento a um grupo que compartilha os mesmos valores de empoderamento feminino, ou seja o tipo de mulher que ela deseja se tornar. "*A Construção Social da Realidade*" (1966) propõe que a realidade é construída socialmente através de processos de interacção e comunicação. Segundo essa teoria, o conhecimento e as normas sociais são criados, mantidos e transformados pela sociedade.

As entrevistas mostram como as redes sociais desempenham um papel fundamental na construção social da realidade em relação ao empoderamento feminino e às práticas diárias dos mesmos. Esses espaços funcionam como plataformas de socialização secundária, onde os indivíduos aprendem e internalizam normas sobre o empoderamento feminino. As redes sociais também actuam como agentes de institucionalização e legitimação, promovendo e consolidando padrões de empoderamentos desejáveis. Além disso, as redes fornecem um espaço para a intersubjetividade, onde os indivíduos se sentem inspirados e motivados pelas práticas e resultados que observam em outros. Em última análise, as redes sociais tornam-se espaços flexíveis de construção da realidade, permitindo que os padrões sobre o empoderamento sejam continuamente reformulados e adaptados.

Portanto, a teoria de Berger e Luckmann ajuda a entender que as redes sociais não apenas reflectem, mas activamente constroem a realidade social do empoderamento feminino ao definir o que é considerado uma mulher empoderada e que actividades ela exerce. Essas construções são dinâmicas e podem ser tanto reforçadas dentro das plataformas digitais. As redes sociais, com seu alcance e impacto, têm um papel crucial na modelagem das percepções das mulheres hoje em dia, influenciando como as pessoas vêem a si mesmas e aos outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou analisar como as mulheres constroem socialmente o empoderamento feminino. A partir das observações realizadas e das entrevistas conduzidas durante o trabalho de campo, constatamos que a maioria das mulheres possui o nível de escolaridade básico. Verificamos também que grande parte dessas mulheres é auto-empresendedora, ou seja, financeiramente autónoma.

Os resultados do estudo revelam que as percepções das mulheres em relação ao empoderamento feminino são moldadas por influências culturais e sociais. Essas mulheres demonstraram percepções distintas sobre o que constitui o empoderamento feminino, que foram organizadas em três principais categorias: empoderamento feminino a partir do auto-reconhecimento, independência financeira, e empoderamento feminino como estilo de vida, enfatizando que uma mulher empoderada é aquela que consegue suprir suas necessidades sem depender do outro, aquela que busca por sua autonomia através de itens, como autoconhecimento, independência financeira, educação e outros.

Outras mulheres associam o empoderamento feminino a um estilo de vida baseado em "fazer o que quiser", sem se importar com a opinião alheia. Nessa perspectiva o empoderamento torna-se mais individualizado.

Para elas, o empoderar-se significa ser uma mulher livre dentro dos padrões que ela mesma se estabelece, sem necessariamente passar por um processo de transformação ou de formação em liderança feminina. Assim, o facto ter acesso a recursos financeiros já entendido como empoderamento. O estudo revelou ainda que as redes sociais desempenham um papel crucial na disseminação desses ideais do empoderamento feminino, influenciando directamente as práticas e percepções das mulheres.

Além disso, foi observado que as redes sociais funcionam como ambientes de socialização onde esses padrões de empoderar-se são reforçados, incentivando as mulheres a se conformarem a tais modelos de vida. Consequentemente, o estudo destacou que, embora o empoderamento feminino parta de dentro para fora ou seja, da mulher se considerar empoderada pelas suas conquistas e padrões próprios, há uma pressão social significativa que leva os indivíduos a buscar um empoderamento

socialmente aceites, o que pode causar a banalização do conceito e a má percepção do mesmo. Portanto, a construção social do empoderamento feminino é um fenómeno complexo que é moldado por diversas influências culturais e sociais, e estas dimensões interagem de maneira significativa, reforçando e moldando as percepções das mulheres em relação ao empoderamento feminino.

A cultura influencia as representações na sociedade, enquanto as redes sociais e a sociedade, por sua vez, reforçam e disseminam esses padrões sociais. A pressão para conformar-se a certos padrões do empoderamento as pessoas adaptam seus comportamentos, influenciados pelas redes sociais e pela cultura que se encontram inseridos, em um ciclo contínuo de influência.

As redes sociais podem formar comunidades de indivíduos com interesses de empoderamento de mulheres semelhantes, reforçando identidades e práticas específicas que são, por sua vez, influenciadas por normas sociais mais amplas. Essas duas dimensões se entrelaçam para moldar a construção social do empoderamento feminino, criando um sistema de influências mútuas que define como as pessoas percebem, valorizam e modificam suas percepções.

Portanto foi possível destacar como a realidade social do empoderamento feminino não é algo inerente ou individualmente determinado, mas sim uma construção social moldada por interações humanas, normas culturais e práticas institucionais como as redes sociais. Essa abordagem teórica ajudou a compreender não apenas como as mulheres percebem seu próprio empoderamento, mas também como essas percepções são influenciadas e moldadas pelo ambiente social em que estão inseridos.

O estudo apresentado traz uma contribuição inovadora ao abordar sobre a construção social do “do empoderamento feminino” pelas mulheres, analisando múltiplas influências: sociais, como a mídia e o ambiente onde se encontram inseridos de forma integrada. Essa abordagem interdisciplinar amplia a compreensão da construção do empoderamento feminino como um fenómeno social e sociológico, trazendo novas perspectivas sobre a busca por identidade e pertencimento em contextos urbanos e contemporâneos.

Essa pesquisa é importante na medida em que tenta entender a definição do empoderamento feminino a partir da mulher, contudo, não é uma pesquisa acabada, daí que recomendamos ao leitor que para mais subsídio se atenha a várias outras fontes literárias conciliando com a nossa pesquisa. Espera-se que este trabalho possa servir como base para novas reflexões em relação ao debate sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azevedo, M.A & Souza, L.D (2019). *Empoderamento feminino: conquistas e Desafios*.
- Azevedo, M. A & Serpa, N.C. (2023). *Poder e empoderamento feminino*. Disponível em www.editoracientifica.com.br . Acessado em 2025.
- Barbosa, M.Y.P. (2020). *Construção social da mulher: Relação de compra ao empoderamento*. Universidade Federal de Alagoas.
- Barbosa. M. (2015). *Educação como empoderamento na óptica do desenvolvimento: uma discursão de modelos*. *Revista de estudos e investigacion in psicologiy educacion*.
- Berger, P. & Luckmann, T. (2004). *A Construção Social da Realidade*. Lisboa: Dino livro, 2º edição, 2004.
- Berger, P e Luckmann, T. (1978) *“A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento, 4ª edição, Editora Vozes, Rio de Janeiro*.
- Balate, A.R.S. (2022). *“De dia personal trainer, de noite gogo boy”*: *Trajectórias e experiências do striptease masculino em strippers freelancers que performam para mulheres em Maputo*. (Trabalho de final de curso, Universidade Eduardo Mondlane. Moçambique).
- Couto, M. C. A. & Saiani, C. C. S. (2021). *Dimensões do empoderamento feminino no Brasil: Índice e Caracterização por atributos locacionais e individuais e participação no programa bolsa família*.
- Colet, D.S., Mozzato, A.R, Denize, C. (2016). *História de vida como estratégia de pesquisa qualitativa em Administração - "Você pode me contar a sua história?"*.
- Crusoe, N.M.C. & Santos. E.M. (2020). *Fenomenologia sociológica de Alfred Schutz: contribuição para investigação qualitativa em prática educativa*
- Durand at al. (2021). *Possibilidades e desafios para o empoderamento feminino: perspectiva de mulheres em vulnerabilidade social*.
- Facundes, T. C. P. C. (2018). *Empoderamento feminino: Uma abordagem educativa*.

Ferreira, S. M. (2016). *"Mulheres mil" como política de inclusão social: Uma análise do empoderamento feminino*. Universidade Federal de Pernambuco.

Ferreira, M.R. (2021). *Resenha critica: empoderamento feminino*.

Guto et al. (2018). *Educação e empoderamento feminino: Uma critica ao terceiro objectivo do milénio (ODM) sobre a desigualdade de género*. Universidade Nove de Julho. Brasil.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª edição, São Paulo: Editora Atlas.

Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. Estoril: Principia.

Gomes, G.S & Santos, S.S (2022). *Empoderamento feminino: acções educativas com mulheres atendidas no centro popular Dorcelina Florador-vareza grande/mt*.

Luís et al (2025). *Análise do papel da educação para o empoderamento da mulher*.

Monteiro, S. A. S. (2018). *Empoderamento feminino na formação cidadã para o empoderamento da mulher*.

Melo, M. C. O. L. & Souza, R. M. B. C. (2009). *Mulheres na crença em tecnologia da informação: Análise da expressão de empoderamento*.

Macamo, E. (2004) *A Leitura Sociológica - Um Manual Introdutório*. Imprensa Universitária, Moçambique - Maputo.

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2010). *Técnicas de Pesquisa: planeamento de execução de pesquisas, amostras e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados* (7ª ed). São Paulo: Atlas.

Natália, M & Fontana. J. (2021). A sororidade sob uma perspectiva analítica comportamental. Disponível www.unicemar.edu.br/epcc. Acessado em 21 de Outubro de 2021.

Quivy, R. e Compenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*.

Sardenberg, C. (2009). *Conceptuando o Empoderamento feminino na perspectiva feminista*. Salvador Bahia.

Santos, I. I. (2017). *Educação para o empoderamento: Uma agenda para igualdade de género na política em Abaetetuba-Para*.

Silva, M. L. A. & Silva, A. C. P. (2020). *Educação e empoderamento feminino de alunas em queimadas*.

Silva, J.S & Sousa. M. L. J. *Um estudo de campo com mulheres de diversos espaços locais*.

Silva, T.P.M (2023). *Somos empoderadas? A trajetória do termo empoderamento e diálogos sobre pós-feminismo fenvertising de beleza e feminismo de mercado*.

Santos et al. (2023) *empoderamento feminino considerações sobre o colectivo e o particular*.

Souza, P. M. A. (2019). *Empoderamento feminino na educação superior: percepções de alunos concludente do curso pedagogia presencial da UFPB*. Universidade Federal do Paraíba.

Simon, V.P. & Boeira, S.L. (2016). *Empoderamento feminino e economia solidaria*.

Valadares at al. (2021). *Uma análise critica-discursiva acerca do empoderamento feminino na canção “eu sou problema meu” a luz da sequência didática de Rildo Cassoa*. Disponível em <http://dx.doi.org./10.33448/rsd-v 10i5.15196>. Acessado em 14 de Maio de 2021.

APÊNDICE

Termo do Consentimento Informado

Prezada

Chamo-me **Cacilda José Tembe** sou estudante do curso de Licenciatura em Sociologia, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. Para culminação do referido curso, estou a levar a cabo um estudo subordinado a análise do tema **Construção do empoderamento: um estudo sobre os significados atribuídos pela mulher em relação ao empoderamento feminino nos tempos actuais na Cidade de Maputo, no ano de 2024**. Nesta, está anexado um breve questionário com uma variedade de questões relacionadas com o tema já referenciado. Por conseguinte, o seu apoio na resposta das questões será de elevado apreço. Caso tenha alguma dúvida ou se quiser saber mais sobre o estudo, por favor não hesite em contactar-me através do cacildajosetembe@gmail.com ou pelos seguintes contactos telefónicos: 846775013/870184978

A informação a ser recolhida destina-se, exclusivamente, à elaboração da monografia, uma das formas de culminação do curso de Licenciatura em Sociologia, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais. Se concorda em participar de forma voluntária no estudo, por favor assinale com X as Confirmando que li e percebi a informação constante neste documento e concordo plenamente em participar do estudo em causa (___).

Tive a oportunidade de ponderar a respeito da informação aqui apresentada e de fazer perguntas a respeito das mesmas, e estas foram satisfeitas (___).

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, confidencial e anónima e que sou livre de deixar de participar do mesmo a qualquer momento sem necessidade de apresentação de justificações, bem como, não sou obrigado a responder todas perguntas que me são colocadas (___).

Concordo plenamente com o destino (elaboração da monografia de licenciatura) que será dada a informação por mim facultada (___).

Assinatura: _____ Data: ____/____/2024

Guião de entrevista
Perfil sociodemográfico

- Qual é a sua idade?
- Onde mora?
- Qual é o seu estado civil?
- Qual é o seu nível de estudos?
- Ocupação?

Percepções das mulheres sobre o empoderamento feminino

1. Você já ouviu falar de “empoderamento feminino”? Onde ouviu?
2. O que essa expressão significa pra você, na prática?
3. Porque você se considera uma mulher empoderada?

Trajectórias das mulheres para alcançarem o empoderamento feminino

4. Como é ser empoderada?
5. Como foi a sua trajectória para alcançar o empoderamento?
6. Considera necessária a educação para ser empoderada?
7. Tem algum rendimento próprio?
8. É líder de alguma organização? Qual? Que função exerce?
9. Pertence algum grupo específico?

Construção social do empoderamento feminino a partir da cultura

10. Como a sociedade olha para o empoderamento?
11. Já passou por situações em que se sentiu desvalorizada ou teve que lutar para ser ouvida?

12. Tem alguém que te inspira como exemplo de mulher empoderada? Pode ser alguém próximo ou famosa.

13. A sua família, escola ou comunidade incentivam as mulheres a se expressarem e acreditarem em si mesmas?

Construção social do empoderamento feminino a partir das redes sociais

14. As redes sociais influenciam sua visão sobre empoderamento? De forma positiva ou negativa?

15. Tem alguém que te inspira como exemplo de mulher empoderada nas redes sociais?

16. Que tipo de mulheres empoderadas você vê nas redes sociais?

17. Existe alguma situação em que você tenha alterado seu estilo de vida por causa do que vê nas redes sociais?

18. Você acha que as redes sociais promovem uma diversidade de mulheres empoderadas ou reforçam um único padrão de empoderamento?

18. Você acredita que o estilo de vida das empoderadas (influenciadores digitais) mostrados nas redes sociais reflectem a realidade? Porquê sim e porquê não?

19. As redes sociais influenciam sua visão sobre empoderamento? De forma positiva ou negativa?

Guião de entrevista para as mulheres que olha para o empoderamento feminino de forma superficial

I. Perfil socio demográfico

- Qual é a sua idade?
- Onde mora?
- Qual é o seu estado civil?
- Qual é o seu nível de estudos?
- Ocupação?

Percepções das mulheres sobre o empoderamento feminino

1. Você já ouviu falar em “empoderamento feminino”? Onde ouviu?
2. O que essa expressão significa pra você, na prática?
3. Você se considera uma mulher empoderada? Por quê

Trajectórias das mulheres para alcançarem o empoderamento feminino

4. Como é ser empoderada?
5. Como foi a sua trajectória para alcançar o empoderamento
6. Para te quais são os princípios para uma mulher ser considerada empoderada?
7. Você acredita que conquistar autonomia financeira é parte do empoderamento? Porque?
8. É líder de alguma organização? Se sim qual? Que função exerce?
9. Acha que o nível académico é necessário? Porque?
10. Quais mudanças você acredita que ainda precisam acontecer para que as mulheres sejam, de fato, empoderadas em todos os aspectos?

Construção social do empoderamento feminino a partir da cultura

11. Como a sociedade, família olham para empoderamento

12. Já passou por situações em que se sentiu desvalorizada ou teve que lutar para ser ouvida?

13. A sua família, escola ou comunidade incentivam as mulheres a se expressarem e acreditarem em si mesmas?

Construção social do empoderamento feminino a partir das redes sociais

14. As redes sociais influenciam sua visão sobre empoderamento? De forma positiva ou negativa?

15. Tem alguém que te inspira como exemplo de mulher empoderada nas redes sociais?

16. Que tipo de mulheres empoderadas você vê nas redes sociais?

17. Existe alguma situação em que você tenha alterado seu estilo de vida por causa do que vê nas redes sociais?

18. Você acha que as redes sociais promovem uma diversidade de mulheres empoderadas ou reforçam um único padrão de empoderamento?

19. Você acredita que o estilo de vida das empoderadas (influenciadores digitais) mostrados nas redes sociais reflectem a realidade? Porque sim e porquê não?

20. Como você vê o empoderamento em Moçambique?

Cronograma de actividades

2025 (Meses)	Jan	Fev	Mr	Ab	Ma	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nv	Dez
Actividades												
Elaboração do tema do projecto												
Revisão bibliográfica												
Organização e desenvolvimento do projecto												
Trabalho de campo												
Análise e interpretação dos dados												
Entrega do projecto												

Orçamento

Orçamento			
Moeda	MT		
Valor total do projecto	3 185, 00		
Valor necessário	Quantidade	Preço unitário	Total
Impressão do guião de entrevista	01	5,00	5,00
Reprodução das cópias de entrevista	20	2,00	40,00
Bloco de notas	4	50	200
Transporte até ao local das entrevistas	(10 vezes)	100,00	1000,00
Recargas (internet e voz)	12	500,00	6000,00
Água	20	30,00	600,00
Alimentação	10	100,00	1000,00
Impressão e encadernação do trabalho	10	175,00	1750,00
Total			10595, 00